

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A influência da dissonância cognitiva na prevenção de mitos e atitudes positivas face à violência no namoro

Marta Sofia Grãos Pires

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Isabel Alexandra de Figueiredo Falcão Correia, Professora
Associada com Agregação
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2022

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A influência da dissonância cognitiva na prevenção de mitos e atitudes positivas face à violência no namoro

Marta Sofia Grãos Pires

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Isabel Alexandra de Figueiredo Falcão Correia, Professora
Associada com Agregação
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2022

*Para os meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram em mim apesar de, por vezes, eu
não acreditar que seria possível.*

Agradecimentos

Esta dissertação simboliza a conclusão de mais uma etapa acadêmica que foi tão importante e especial para mim. Ao longo destes anos tive a possibilidade de aprender e de crescer ao lado de várias pessoas que me apoiaram, sem elas não seria possível terminar este ciclo tão desafiante. Aproveito para vos agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Isabel Correia por me ter ajudado e apoiado durante este percurso. Obrigada pelo seu suporte, encorajamento e apoio, sem si a conclusão desta fase não teria sido possível.

Aos meus pais por estarem sempre presentes durante toda esta etapa, por me ouvirem, incentivarem e motivarem. Sem o vosso apoio constante não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada por tudo.

À Ana e à Bárbara agradeço-vos por serem as amigas incríveis que são. Realizámos todo este percurso juntas. Obrigada por estarem sempre comigo em todos os momentos, por me motivarem quando me faltavam as forças, por me ouvirem e ajudarem, obrigada por serem quem são.

À Tânia pela ajuda, apoio incansável, por me ouvir a ler frases em voz alta e sempre me encorajar a não desistir, a não ir abaixo e pela paciência que tem sempre para mim.

À Carolina, à Catarina e à Rebeca por todas as mensagens de apoio e motivação, sempre estiveram à distância de um clique.

À Raquel pela ajuda durante as minhas crises existenciais, pelos telefonemas, desabafos. Apareceres na minha vida fez-me perceber-me melhor a mim própria porque tu consegues “ler-me” como ninguém.

À equipa Comercial, de Recrutamento e de Marketing da PharmaPlanet, obrigada por todo o vosso apoio, pelas vossas palavras de motivação, por estarem ao meu lado e por me terem ajudado a concluir este ciclo tão importante da minha vida.

À Elisabete por ter sido uma preciosa ajuda durante esta fase, por todos os conselhos, mensagens trocadas e apoio. Obrigada, amiga.

À minha família e amigos por todo o apoio, por todos os incentivos, palavras de força e por estarem lá para mim.

A todos vocês muito obrigada por estarem na minha vida e por me terem acompanhado durante todo este percurso.

Resumo

A violência no namoro tem sido caracterizada como um sério problema, tanto a nível de saúde pública como a nível social. A violência no namoro diz respeito à prática de atos (ou intenção de os praticar) de natureza física, psicológica, emocional, social e/ou sexual com carácter abusivo que ocorre no âmbito das relações juvenis. Estudos recentes (Steinmetz et al., 2019) sugerem que a dissonância cognitiva pode ser um mecanismo eficaz para reduzir atitudes positivas face à violação.

O presente estudo tem como objetivo aplicar este paradigma à redução de atitudes positivas face à violência no namoro, assim como alterar o grau de concordância dos participantes perante alguns mitos sobre a violência no namoro entre estudantes universitários. Para a recolha de dados recorreu-se à aplicação de um questionário *on-line*, que contou com uma amostra de 117 participantes que foram distribuídos aleatoriamente por um de dois grupos (condição de dissonância cognitiva e condição de controlo). Os dados obtidos foram analisados através do software *IBM SPSS Statistics*.

Os resultados obtidos indicam que não existem diferenças significativas nas atitudes dos participantes em relação à violência no namoro entre as condições de dissonância cognitiva e a condição de controlo. No entanto, quando se comparou a concordância com os mitos antes e depois da indução da dissonância cognitiva, os participantes concordaram menos com cinco dos sete mitos sobre a violência no namoro.

Palavras-chave: Violência no Namoro; Dissonância Cognitiva; Atitudes acerca da Violência no Namoro; Mitos sobre a Violência no Namoro.

Códigos de Classificação da APA:

2340 *Cognitive Processes*

3020 *Group & Interpersonal Processes*

Abstract

Dating violence has been characterized as a serious public health and social problem. Dating violence refers to the commission of acts (or intent to commit them) of a physical, psychological, emotional, social, and/or sexual nature with an abusive nature that occurs within youth relationships. Recent studies (Steinmetz et al., 2019) suggest that cognitive dissonance may be an effective mechanism for reducing positive attitudes towards rape.

The present study aims to apply this paradigm to reducing positive attitudes toward dating violence, as well as altering the degree to which participants agreed with some myths about dating violence among college students. For data collection, an online questionnaire was applied to a sample of 117 participants who were randomly assigned to one of two groups (cognitive dissonance condition and control condition). The data obtained were analyzed using IBM SPSS Statistics software.

The results obtained indicate that there are no significant differences in participants' attitudes towards dating violence between the cognitive dissonance condition and the control condition. However, when agreement with the myths before and after the induction of cognitive dissonance was compared, participants agreed less with five of the seven myths about dating violence.

Keywords: Dating Violence; Cognitive Dissonance; Attitudes about Dating Violence; Myths about Dating Violence.

APA Classification Codes:

2340 *Cognitive Processes*

3020 *Group & Interpersonal Processes*

Índice

<i>Introdução</i>	1
<i>Capítulo 1 – Enquadramento Teórico</i>	5
1.1 A Adolescência e o Namoro.....	5
1.2 Violência no Namoro	6
1.3 Tipos de Violência	8
1.4 Natureza dos Atos Violentos no Namoro.....	9
1.5 O Ciclo da Violência.....	12
1.6 Violência contra as Mulheres no Mundo	15
1.7 Prevalência da Violência no Namoro em Portugal	16
1.8 Causas da Violência no Namoro	17
1.9 Riscos da Violência no Namoro.....	18
1.10 Consequências da Violência no Namoro	21
1.11 Mitos da Violência no Namoro	23
1.12 Prevenção de Comportamentos Violentos	25
1.13 Dissonância Cognitiva.....	27
1.14 Presente Estudo	30
<i>Capítulo 2 – Método</i>	31
2.1 Participantes	31
2.2 Instrumentos	31
2.3 Procedimento.....	33
<i>Capítulo 3 – Resultados</i>	37
3.1 Estatística Descritiva	38
3.2 Análises Principais	39
<i>Capítulo 4 – Discussão e Considerações Finais</i>	47
4.1 Limitações e Estudos Futuros	50

4.2 Considerações Finais.....	51
<i>Referências Bibliográficas</i>	53
<i>Anexos</i>	63
Anexo A – Questionário da Condição de Dissonância Cognitiva	63
Anexo B – Questionário da Condição de Controlo	75

Índice de Figuras

Figura 1.1 <i>Tipos de violência (OMS, 2002)</i>	12
Figura 1.2 <i>Elaboração própria do Ciclo da Violência, tendo como base a ilustração da APAV (APAV, 2012)</i>	14
Figura 1.3 <i>Artigo 152.º Violência doméstica (Lei n.º 94/2021, 2021)</i>	22

Índice de Tabelas

Tabela 3.1 <i>Testes t para amostras independentes</i>	42
Tabela 3.2 <i>Testes t para amostras emparelhadas na condição de dissonância cognitiva</i>	45

Glossário de Siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

APi – Associação Plano i

DARSI – *Developing Healthy and Egalitarian Adolescent Relationships*/Desenvolver Relações Saudáveis e Igualitárias entre Adolescentes

DGS – Direção-Geral da Saúde

EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

INMLCF – Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses

OMS – *World Health Organization*/Organização Mundial de Saúde

OPP – Ordem dos Psicólogos Portugueses

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

VFF – Atitudes acerca da Violência Física Feminina

VFM – Atitudes acerca da Violência Física Masculina

VPF – Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina

VPM – Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina

VSF – Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina

VSM – Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina

Introdução

O problema de investigação a que esta dissertação pretende responder diz respeito à utilização de um paradigma de dissonância cognitiva, tendo como objetivo verificar se é possível reduzir atitudes positivas relacionadas com a violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais, assim como alterar o grau de concordância dos participantes perante alguns mitos sobre a violência no namoro entre estudantes universitários.

O presente estudo corresponde a uma forma de prevenção primária e seletiva, intervindo na prevenção da violência no namoro antes da sua ocorrência. Neste caso, os indivíduos ainda não estabelecerem qualquer tipo de contacto com realidades violentas nos seus relacionamentos, sendo importante agir junto dos estudantes universitários, pois os mesmos são mais propícios a manifestar fatores de risco (Saavedra, 2010).

Esta temática é bastante importante porque é essencial compreender melhor o fenómeno da violência no namoro. A realização deste estudo visa transmitir aos indivíduos os tipos de violência existentes, com o intuito de prevenir comportamentos abusivos.

É fundamental alertar, cada vez com maior frequência, tanto para as causas como consequências deste tipo de violência. A população deve estar informada sobre os riscos existentes, assim como formas de prevenir comportamentos nocivos para os indivíduos, visto que a violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais corresponde a um problema social nas relações amorosas dos mais jovens e dos adultos.

Através da utilização de um paradigma de dissonância cognitiva, os indivíduos serão confrontados com duas crenças contraditórias. Por conseguinte, será provocado desconforto aos mesmos, uma vez que se encontram perante uma inconsistência nas suas atitudes. A partir do momento em que os participantes se tornam conscientes da sua dissonância, irão mudar a sua atitude e, consequentemente, o seu comportamento (Festinger, 1957).

Posto isto, é pretendido com este estudo perceber os pensamentos/opiniões dos estudantes universitários sobre a temática da violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais. Para tal, é pedido aos participantes que escrevam argumentos sobre afirmações contra as quais concordaram, sendo esperado que ocorra dissonância cognitiva.

Para a realização deste estudo os participantes serão divididos em dois grupos (um grupo na condição de dissonância cognitiva em relação à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais; e outro grupo na condição de controlo relativamente ao meio de transporte utilizado para chegar à universidade).

Para que os objetivos definidos sejam atingidos, primeiramente, foi elaborado um enquadramento teórico que corresponde ao primeiro capítulo deste estudo. O mesmo foi dividido em quatorze secções.

O primeiro subtítulo aborda a adolescência e o namoro, distinguindo o significado destes dois conceitos. Num segundo subtítulo é abordado em que consiste a violência no namoro. Num terceiro subtítulo, são apresentados e explicados os tipos de violência existentes sendo, de seguida, num quarto subtítulo abordada a natureza dos atos violentos no namoro.

Seguindo-se, num quinto subtítulo o ciclo da violência, onde são abordadas as três fases deste ciclo, sendo essencial que as vítimas estejam atentas aos comportamentos por parte dos seus parceiros íntimos. O sexto subtítulo aborda a violência contra as mulheres no mundo e o sétimo subtítulo é referente à prevenção da violência no namoro em Portugal.

A posteriori, no oitavo subtítulo são referidas as causas da violência no namoro, sendo posteriormente explicados, no nono subtítulo, os riscos que advêm de um parceiro/a praticar atos violentos numa relação de namoro. Consequentemente, no décimo subtítulo, são identificadas as consequências da violência no namoro, sendo que no décimo primeiro subtítulo, são apresentados alguns mitos que se encontram relacionados com a violência no namoro. Por último, no que concerne à temática da violência no namoro são abordadas, no décimo segundo subtítulo, seis formas de prevenção de comportamentos violentos.

Por conseguinte, é explicada, no décimo terceiro subtítulo, a teoria da dissonância cognitiva da autoria de Leon Festinger (1957), bem como os paradigmas da dissonância cognitiva anteriormente utilizados em alguns estudos como, por exemplo, a utilização do paradigma de dissonância cognitiva como mecanismo para reduzir atitudes positivas face à violação (Steinmetz et al., 2019). Por último, é revelado, no décimo quarto subtítulo, em que domínio se insere a presente investigação, sendo apresentados os objetivos do estudo, bem como as hipóteses elaboradas.

Por sua vez, o segundo capítulo diz respeito ao método utilizado na recolha de dados, sendo que o mesmo foi dividido em três subtítulos. O primeiro subtítulo é referente aos participantes, ou seja, à constituição da amostra. Já o segundo subtítulo diz respeito aos instrumentos administrados no questionário desenvolvido para este estudo. E, por fim, é no terceiro subtítulo deste capítulo que o procedimento é esclarecido.

No quarto capítulo são analisados os resultados obtidos. O primeiro subtítulo deste capítulo corresponde à estatística descritiva e o segundo subtítulo remete para as análises principais efetuadas, recorrendo a testes *t* para amostras independentes e a testes *t* para amostras emparelhadas, comparando os dois grupos de participantes (condição de dissonância

cognitiva e condição de controlo) e comparando dois momentos no grupo pertencente à condição de dissonância cognitiva respetivamente.

O último capítulo é relativo à discussão, bem como às considerações finais. Em primeiro lugar (primeiro subtítulo) são apresentadas e explicadas as limitações do estudo, sendo mencionados alguns possíveis estudos futuros, já o segundo subtítulo diz respeito às considerações finais e ao carácter inovador da presente investigação ao abordar a temática da violência no namoro.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

1.1 A Adolescência e o Namoro

A adolescência caracteriza-se pelo período entre a infância e a idade adulta, prolongando-se, sensivelmente por 10 anos. Esta etapa pode ser influenciada por condições cognitivas, biológicas e sociais. Por outras palavras, o jovem irá experienciar alterações na sua constituição física, na sua forma de pensar assim como em termos emocionais, resultando na transformação da sua forma de ser e estar em sociedade (Papalia et al., 2006).

O namoro representa uma das relações principais na vida de inúmeros jovens, as suas identidades também podem ser influenciadas pelas diversas experiências do foro amoroso (Oliveira & Sani, 2005).

O termo namoro diz respeito a uma relação que é estabelecida entre dois indivíduos onde existe uma partilha a nível romântico, emocional e/ou sexual, ultrapassando a amizade. No entanto, não ocorre uma formalização de um vínculo (Murray & Kardatzke, 2007). Por conseguinte, o namoro é constituído pela intimidade física, compromisso e interação futura, sendo estes os alicerces dos relacionamentos entre os jovens (Sugarman & Hotaling, 1991 citado por Jackson, 1999).

No seguimento das oscilações presentes no período da adolescência, aliado ao início dos relacionamentos amorosos, Brown (1999) sugeriu um modelo constituído por quatro fases – a iniciação, o estatuto, o afeto e a ligação – que visam retratar as modificações no desenvolvimento na orientação dos jovens para as relações românticas e não o ciclo de um relacionamento amoroso em concreto.

Como primeira fase encontra-se a iniciação, fase em que o jovem se centra em si próprio não mostrando interesse nas relações íntimas. O objetivo da iniciação é introduzir o conceito de parceiro íntimo e relações amorosas, embora possam existir relacionamentos nesta etapa, ainda que marcados, maioritariamente, pela curta duração e superficialidade.

Com a noção de relacionamento romântico estabelecido, surge a segunda fase, o estatuto. Neste período, em virtude de pressões exercidas para que o jovem invista em relações íntimas, a atenção transita do eu para as relações interpessoais. As relações amorosas acabam por se tornar veículos (ou em alguns casos obstáculos) para atingir um dado estatuto ou para no mínimo ser aceite junto dos pares.

A certa altura, ainda durante a segunda fase, ocorre uma alteração nas crenças relativamente às relações íntimas, desvalorizando questões de estatuto e tendo como foco a

relação em si. Esta mudança de pensamento traduz-se na transição para a terceira fase, o afeto.

Como última fase da adolescência surge a ligação, fase marcada pela projeção do futuro por parte dos jovens, expressando desejo em manter o relacionamento previamente estabelecido.

Nos dias de hoje existe uma grande preocupação com a população mais jovem, especialmente, com os estudantes do ensino secundário e superior (Caridade & Machado, 2006; Oliveira, 2009). Após o estudo das gerações mais novas, é visível que o fenómeno da violência no namoro é cada vez mais precoce, tendo o seu início a partir do momento em que estas se estabelecem (Gonçalves, 2013). É aos 15 anos que a maioria dos jovens experiencia pela primeira vez um episódio de violência no namoro (Ferreira, 2011; Gover, 2004; Henton, 1983; Oliveira & Sani, 2005; Paiva & Figueiredo, 2004).

1.2 Violência no Namoro

A violência no namoro tem vindo a ganhar relevância nos relacionamentos da maioria dos jovens estabelecendo-se, nos anos 60, como um problema social significativo (Caridade & Machado, 2006).

O termo violência é proveniente do latim *vis* e significa força, presumindo a sua utilização contra a natureza de um ser (Graça, 2017).

De forma a clarificar este conceito, a Organização Mundial de Saúde apresentou, a sua interpretação como:

o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2002, p. 5).

Já a violência no namoro é definida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) como “um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação” (<https://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e1>).

Para Ferreira et al. (2019) a violência no namoro diz respeito à:

prática de atos (ou intenção de os praticar) de natureza física, psicológica, emocional, social e/ou sexual com carácter abusivo que ocorre no âmbito de relações juvenis entre pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente e que é levada a cabo por um/a ou

ambos/as os/as parceiros/as. A violência no namoro tem sido apontada como um preditor da violência na intimidade adulta (p. 17).

Posto isto, é essencial evidenciar que a violência no namoro tem sido caracterizada como um sério problema, tanto a nível de saúde pública como a nível social (OMS, 2016). Por sua vez, tendo em consideração a terminologia de violência no namoro, esta é uma forma de violência que não se diferencia consideravelmente da que é experienciada nas relações conjugais, sendo que, segundo a legislação portuguesa, este tipo de prática é punida enquanto crime de violência doméstica (Direção-Geral da Saúde [DGS], 2014).

Mars e Valdez (2007) comparam as práticas abusivas nos relacionamentos dos jovens com a violência doméstica praticada na idade adulta, traduzindo-se na intensificação desta no decorrer da relação, sendo acompanhada com desculpas e promessas de que o sucedido não voltará a ocorrer, existindo um acréscimo do risco quando a vítima tenciona terminar o relacionamento. Complementarmente, Ameral et al. (2017) argumenta que as vítimas acabam por desvalorizar as ações abusivas a que foram sujeitas nos relacionamentos amorosos, uma vez que as interpretam como provas “normais” de ciúmes ou atos de amor.

Aproximadamente 28% dos homens e mulheres, num determinado momento da sua vida, já experienciaram ou experienciam uma relação de namoro que envolve violência, existindo maior probabilidade de ocorrerem episódios abusivos em contextos de coabitação bem como em relacionamentos mais duradouros, facto baseado em vinte estudos realizados por Sugarman e Hotaling (1991 citado por Mahoney et al., 2001).

A conceção de que a mulher é a vítima que sofre violência e o homem é quem a perpetua, tem vindo a ser refutada através do desenvolvimento de diversos estudos, tanto nacionais como internacionais, relacionados com a violência na intimidade juvenil (Caridade & Machado, 2006). É possível corroborar, atendendo à análise de diferentes investigações quer nacionais como internacionais desenvolvidas sobre esta temática, que a violência entre parceiros íntimos se evidencia por trocas mútuas de agressões (e.g., Lewis & Fremouw, 2001; Magdol et al., 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004), o que faz com que não exista uma distinção significativa entre homens e mulheres no que remete à prática de comportamentos violentos (Worcester, 2002). No entanto, é notório que são as mulheres que vivenciam maiores níveis de violência severa, tendo respostas emocionalmente mais acentuadas em comparação com os homens (Molidor & Felman, 1998 citado por Worcester, 2002).

Mediante estudos de Magdol et al. (1997), foi determinado que a prevalência da violência entre jovens na idade adulta compreende-se entre os 21,8% e os 55%. Por sua vez, um estudo

efetuado por Berry (2000) revela que 20% a 30% dos jovens que vivenciam relacionamentos amorosos sofrem algum tipo de violência. Não obstante, os autores James et al. (2000) indicam que pelo menos 25% destas relações experienciam violência física e psicológica.

De acordo com o estudo de Machado et al. (2009) que contou com a participação de 4667 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos de diferentes níveis de escolaridade, concluíram que aproximadamente 30,6% dos participantes enfrentaram situações de violência nos seus relacionamentos íntimos. Adicionalmente, cerca de 18,1% dos jovens relataram, pelo menos uma vez, abusos de carácter físico e 22,4% de carácter emocional. Ao longo dos anos, mais concretamente em 2014, esta percentagem não sofreu alterações significativas situando-se nos 23% de jovens que foram vítimas de violência no namoro (Ventura, 2014).

Dados mais recentes, de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, de um estudo promovido pela Associação Plano i (APi), sobre a violência no namoro no ensino superior reporta que dos 1322 participantes, 53,1% já sofreram, pelo menos, um episódio abusivo no namoro e 32,4% assumiram já ter praticado ações violentas (Neves et al., 2022).

No que diz respeito às práticas de violência no namoro, estas podem expressar-se na forma de agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais contra o/a companheiro/a (Oliveira & Sani, 2005).

1.3 Tipos de Violência

A complexidade do conceito violência, a diversidade dos atos violentos que podem ser praticados e as inúmeras sequelas que daqui podem advir levou a que a Organização Mundial de Saúde (2002) sugerisse a decomposição do conceito violência, tendo em conta quem é a fonte destas ações abusivas, em três categorias: a violência autodirigida, a violência interpessoal e a violência coletiva.

A violência autodirigida, como a própria designação indica, diz respeito ao tipo de práticas infligidas a si próprio. Estas práticas ramificam-se em comportamentos suicidas – podendo não transpor a linha de pensamento, tentativas de suicídio ou, em casos mais extremos, atravessar o plano abstrato e consumir-se o suicídio – e auto-abusos – como automutilação.

A violência interpessoal implica um relacionamento de cariz violento com outro indivíduo ou um pequeno grupo de indivíduos, podendo ou não possuir laços afetivos. Este género de abusos pode ser perpetuado pelo companheiro íntimo (violência no namoro e

doméstica), por elementos da família (violência familiar) ou pela comunidade que a vítima integra (violência comunitária). É importante salientar que, em contexto doméstico e familiar, são predominantes as condutas violentas exercidas pelo companheiro íntimo e abusos contra idosos e crianças. Em contrapartida, a violência em sociedade pode compreender comportamentos agressivos aleatórios, agressão sexual ou até mesmo violação por desconhecidos, podendo manifestar-se, igualmente, em contextos organizacionais como lares, escolas, cadeias e locais de trabalho.

A violência coletiva acarreta práticas abusivas conduzidas por diversos grupos de pessoas ou Estados, segmentando-se em violência económica (incentivado por interesses económicos com vista ao ganho), política (instigado pelo Estado ou grupos numerosos conduzindo a guerras) e social (atos movidos por terroristas e crimes de ódio).

Aproximadamente, todos os dias, 4400 pessoas acabam por morrer devido a ações premeditadas de violência autodirigida, interpessoal e coletiva (OMS, 2002).

1.4 Natureza dos Atos Violentos no Namoro

Tendo como base a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR, 2019) existem quatro formas distintas de cometer atos violentos no namoro, nomeadamente, a violência física; a violência psicológica/emocional e a violência sexual. Tendo em consideração a evolução da sociedade atual a UMAR (2019) apresenta ainda a existência de mais três tipos de violência, a violência nas redes sociais, o controlo e a perseguição.

Dito isto, cada tipo de violência pode manifestar-se do seguinte modo:

- **Violência física:** encontra-se relacionada com agressões corporais, sendo que podem existir ou não lesões ou ferimentos visíveis no corpo da vítima. A intenção é provocar um mal-estar físico, através do uso da força, por exemplo, empurrando, batendo, asfixiando ou esbofeteando (Ferreira et al., 2019; Magalhães, 2010; Mouzos & Makkai, 2004; Murray & Kardatzke, 2007; OMS, 2002; Shorey et al., 2014; Sugarman & Hotaling, 1989 citado por Lewis & Fremouw, 2001; UMAR, 2019).
- **Violência psicológica/emocional:** remete para atos como: insultar, humilhar, ameaçar, manipular, demonstrar ciúmes doentios, controlar, ou seja, tem como finalidade causar dano à vítima. O agressor recorre à comunicação verbal e à comunicação não verbal como forma de intimidação (Ferreira et al., 2019; Magalhães, 2010; OMS, 2002; Shorey et al., 2014; UMAR, 2019).

- Violência sexual: manifesta-se por meio de coação e de abuso/violação. Este tipo de violência consiste na utilização da força para a realização de práticas sexuais contra a vontade da vítima. A violência sexual é poucas vezes denunciada porque as vítimas se sentem na obrigação de ter relações com o/a seu/sua companheiro/a (Magalhães, 2010; OMS, 2002; Shorey et al., 2014; UMAR, 2019). Por sua vez, Ferreira et al. (2019) refere que publicar conteúdos de cariz sexual como, por exemplo, fotografias ou vídeos sem autorização da vítima também consiste num ato de violência por parte do agressor.
- Violência nas redes sociais: este tipo de violência está presente no dia a dia dos jovens, pois a internet é utilizada diariamente por estes, existindo uma relação de dependência. Esta tem vindo a alcançar um maior destaque, na medida em que é possível perpetuar-se mediante a publicação de informações pessoais do/a companheiro/a sem o seu consentimento, de conteúdos íntimos ou de insultos através deste tipo de partilha nas redes sociais (UMAR, 2019).
- Controlo: quando existente numa relação de namoro, pode verificar-se através de comportamentos como a proibição do companheiro íntimo sair sozinho, de estar ou conversar com amigos/familiares, querer obrigar ou proibir de vestir uma peça de roupa específica ou apenas querer obrigar o seu companheiro a fazer algo que o mesmo não quer (UMAR, 2019).
- Perseguição: representa um crime desde o ano de 2015. A perseguição pretende intimidar as vítimas, podendo surgir no decorrer do relacionamento amoroso ou após o mesmo ter terminado. Tem como objetivo perseguir um dos companheiros não só na sua vida diária como também no mundo digital através da realização de um *stalk* frequente nas redes sociais do parceiro (UMAR, 2019).

Por outro lado, Ferreira et al. (2019) destaca a existência de mais dois tipos de violência nas relações amorosas, isto é, a violência social e a violência económica, sendo fundamental distinguir estes dois conceitos. Na violência social existe a restrição ou o impedimento da vítima aceder aos seus contactos, a utilização das novas tecnologias como forma de violência, a desvalorização da imagem pública da vítima e a limitação dos programas sociais e de lazer. Já na violência económica ocorre controlo ou restrição a nível financeiro do/a companheiro/a, obrigando o parceiro a explicar os seus gastos e coagindo-o a entregar o seu salário ou parte dele como meio de controlo.

Segundo estatísticas realizadas em Portugal, compreendendo os anos de 2017 a 2020, é a violência psicológica que mais prevalece nas relações de namoro, seguindo-se a violência social, a física e, por último, a violência sexual (Neves et al., 2020). Por sua vez, estatísticas mais recentes realizadas em Portugal relativamente ao período de 2020 a 2021, referem que a violência psicológica continua a ser a que mais prevalece, seguida da violência social, contudo surge em primeiro lugar a violência sexual e, por fim, a violência física, ocorrendo uma alteração na ordem destas duas últimas formas de violência (Neves et al., 2022).

Tendo em conta o estudo mencionado anteriormente, promovido pela APi, sobre a violência no namoro no ensino superior que incluiu 1322 participantes foi possível auferir que “22.3% das mulheres e 20.3% dos homens já foram culpadas/os, criticadas/os, insultadas/os, difamadas/os e acusadas/os sem razão”; “20.3% das mulheres e 11.1% dos homens já foram controladas/os na forma de vestir, no penteado ou na imagem, nos locais frequentados, nas amizades ou companhias”; “17.8% das mulheres e 7.2% dos homens já foram ameaçadas/os verbalmente ou através de comportamentos que causem medo (e.g., gritando, partindo objetos, rasgando a roupa)”; “14.1% das mulheres e 9.7% dos homens já foram impedidas/os de contactar com a família, amigos/as e/ou vizinhos/as”; “13.8% das mulheres e 15.7% dos homens já viram os seus pertences remexidos sem autorização (e.g., roupa, bolsos, conta de e-mail, perfil das redes sociais)”; “11.6% das mulheres e 6.5% dos homens já foram perseguidas/os”; “8.1% das mulheres e 9.8% dos homens já foram magoadas/os fisicamente (e.g., empurrões, bofetada, murro ou cabeçada)”; “12.7% das mulheres e 7.2% dos homens já foram obrigadas/os a ter comportamentos sexuais não desejados (e.g., ver pornografia, sexo oral, sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas)”; “10.7% das mulheres e 3.3% dos homens já foram forçadas/os a ter relações sexuais” e “4.5% das mulheres e 2.6% dos homens já sofreram ameaças de morte, atentados contra a vida ou ferimentos que as/os obrigaram a receber tratamento médico”. (Neves et al., 2022, p. 27 e 28).

A Figura 1.1 expõe a natureza das ações violentas que podem ser classificadas como física, sexual, psicológica e incluindo a privação ou negligência. O eixo horizontal ilustra quem está sujeito a práticas dessa natureza, por outro lado o eixo vertical representa de que modo são sujeitos a essas mesmas práticas (OMS, 2002).

As quatro formas de violência (física, sexual, psicológica, privação ou negligência) verificam-se em cada categoria (violência autodirigida, violência interpessoal, violência coletiva), com exceção da violência autodirigida que não integra a violência sexual. Por exemplo, a violência contra o/a companheiro/a pode ser cometida pelo seu/sua parceiro/a ou

pelos seus familiares, podendo abranger violência física, psicológica, sexual ou privação (OMS, 2002).

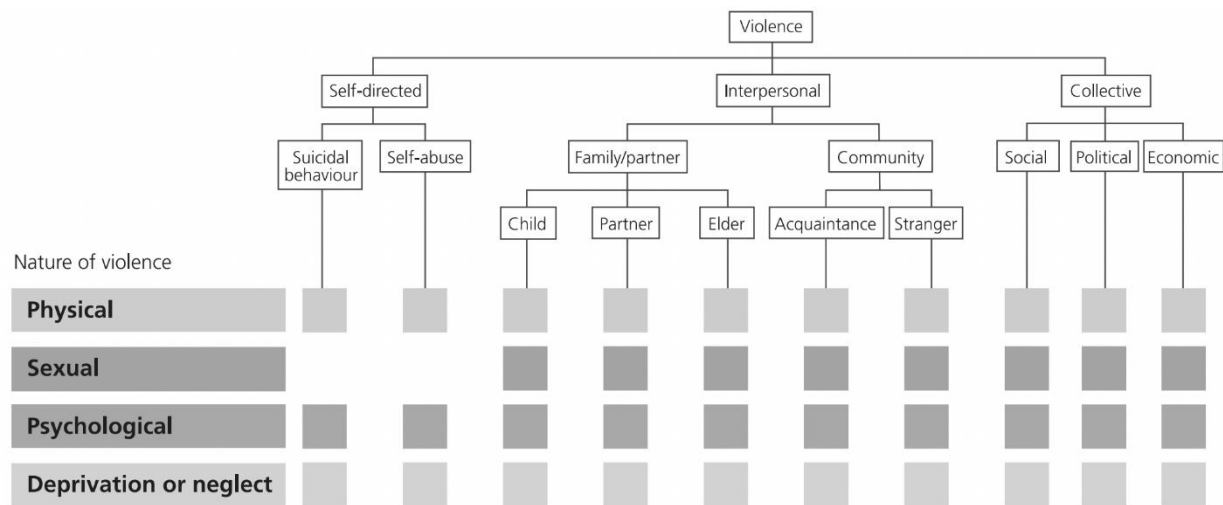


Figura 1.1 *Tipos de violência* (OMS, 2002)

1.5 O Ciclo da Violência

Este ciclo surgiu devido à necessidade de prevenir as vítimas para a existência de violência no namoro, sendo indispensável que as mesmas estejam atentas a certas atitudes e/ou comportamentos provenientes dos seus parceiros íntimos. Dito isto, é importante entender o porquê de, em algumas ocasiões, ser tão difícil para as vítimas deixarem os relacionamentos abusivos que vivenciam (Manita et al., 2009).

Manita et al. (2009) descreveu o ciclo de violência em três fases distintas, nomeadamente, “fase de aumento de tensão”; “fase do ataque violento” ou do “episódio de violência” e, por fim, “fase de apaziguamento”, “reconciliação” ou também conhecida como “lua-de-mel” (Figura 1.2). Tendo como base diversos autores, este ciclo repete-se de forma sucessiva ao longo de meses ou até mesmo anos, variando na sua intensidade e duração (APAV, 2012; Manita et al., 2009).

A primeira fase é intitulada de “fase de aumento de tensão”, o que significa que a mesma ocorre no momento em que o agressor se encontra perante um episódio de discordância e/ou de desentendimento e não tenta encontrar estratégias, nem uma forma de negociação, preferindo ações/atitudes de controlo/autoridade para com a vítima, utilizando acontecimentos do quotidiano para criar tensão e um ambiente de perigo iminente (APAV, 2012; Walker, 1979).

Em grande parte dos casos a tensão dá origem, primeiramente, a discussões. No entanto, a mesma pode evoluir quando o parceiro recorre ao consumo de álcool e de drogas. O agressor utiliza qualquer tipo de pretexto para ser agressivo para com a vítima, quer seja através de situações do dia a dia (como, por exemplo, durante as refeições, na limpeza e arrumação da casa, nas compras, etc), quer seja pelo facto da vítima ter saído de casa ou ter chegado mais tarde do que o habitual (Manita et al., 2009).

Já a segunda fase é designada por “fase do ataque violento”, sendo também conhecida como “episódio de violência”. É nesta fase que o agressor assume comportamentos mais violentos, surgindo, primeiramente, a violência verbal, seguindo-se a violência física, sendo que ocorre, em simultâneo, uma combinação dos diversos tipos de violência (APAV, 2012; Manita et al., 2009; Walker, 1979).

Grande parte das vítimas não têm qualquer reação porque percebem automaticamente que a sua resposta pode agravar a violência, procurando somente defender-se dos atos violentos perpetuados pelo agressor, reagindo de forma passiva, esperando que a sua não resposta diminua a fúria do agressor, fazendo com que o ataque violento termine (Manita et al., 2009).

Em algumas ocasiões, as agressões são tão graves que a vítima tem de receber assistência médica. Alguns agressores concedem o cuidado médico às vítimas assim que ocorre o término da agressão, acompanhando-as ao hospital, tendo como intuito garantir, quer seja através de promessas de mudança, manipulação e sedução, quer seja por coação, ameaças ou intimidação, que estas não falarão sobre o sucedido (Manita et al., 2009). Outros agressores rejeitam cuidados médicos (o que representa uma forma de comportamento violento) ou só permitem que a vítima receba assistência médica, apenas, no momento em que percecionam que a situação pode colocar a sua vida em risco (caso não fosse esse o objetivo; Manita et al., 2009). Por sua vez, o agressor tenta desculpabilizar-se ou desvalorizar as suas ações, tendo como intenção culpabilizar a vítima (utilizando expressões como “foi ela que me provocou” ou “vê o que me obrigaste a fazer”) ou a fatores “externos” (“não fui eu, foi o álcool”, “foi um dia mau”, “não sei o que me passou pela cabeça”, “não estava em mim”; Manita et al., 2009, p. 30). Estes maus-tratos tendem a sofrer um aumento tanto na sua frequência como intensidade (APAV, 2012).

Por fim, a última fase deste ciclo é denominada por “lua-de-mel”, sendo também apelidada de “fase de apaziguamento” e “reconciliação”. Após o agressor praticar comportamento(s) violento(s), este apresenta uma tendência para demonstrar remorsos, prometendo não voltar a cometer atos violentos. Isto é, adota uma postura comum à fase

anterior, continuando a demonstrar arrependimento e/ou a desculpabilizar as suas ações (Manita et al., 2009).

De modo a reforçar o seu pedido de desculpas, o agressor é atencioso para com a vítima, tratando-a com afeto, tendo como finalidade que a mesma pense que foi somente uma vez ou, caso não seja a primeira vez que se encontra perante uma situação de violência, que essa foi a última vez que o/a seu/sua parceiro/a se excedeu e se comportou de tal forma (Manita et al., 2009). Relativamente à vítima, a mesma tenta reconstituir o mais depressa possível uma sensação de normalidade na sua vida (Manita et al., 2009). Desta forma, o agressor modifica o seu comportamento sendo afável e atencioso para com a vítima, tendo como objetivo que a mesma não abandone a relação. Este período pode ser considerado como um momento de acalmia (APAV, 2012; Walker, 1979). O mesmo “(...) pode ter uma duração variável e, em alguns dos casos, a escalada da violência não dá lugar a um período de reconciliação, oscilando apenas entre o aumento de tensão e o ataque violento, agravando o risco para a vítima” (Ferreira et al., 2019, p. 27).

Ao longo dos anos, os indivíduos percecionam que não têm culpa do/a seu/sua parceiro/a ter praticado atos violentos para com ele/a, o que faz com que adotem uma nova designação de namoro (Ismail et al., 2007).

Resumidamente, o ciclo de violência “(...) caracteriza-se pela sua continuidade no tempo, (...) podendo ser cada vez menores as fases da tensão e de apaziguamento e cada vez mais intensa a fase do ataque violento. Em situações limite, o culminar destes episódios poderá ser o homicídio” (APAV, 2012).

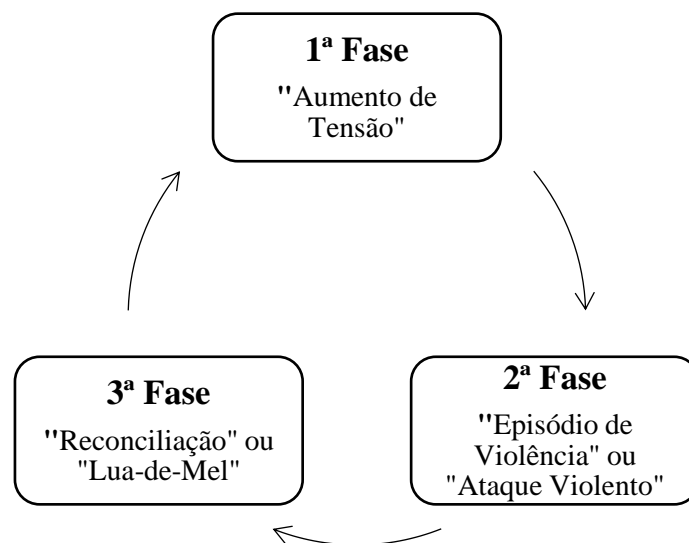


Figura 1.2 *Elaboração própria do Ciclo da Violência, tendo como base a ilustração da APAV (APAV, 2012)*

1.6 Violência contra as Mulheres no Mundo

De acordo com uma análise realizada pela OMS sobre a violência contra as mulheres, que teve como base dados desde 2000 até 2018 em 161 países, foi descoberto que, em todo o mundo, cerca de 1 em cada 3 mulheres (30%) foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte de um companheiro íntimo ou foram vítimas de violência sexual por parte de terceiros durante a sua vida (OMS, 2021).

A maior violência é sofrida por parte de um companheiro íntimo, sendo que, a nível mundial perto de um terço (27%) das mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos que vivenciaram um relacionamento amoroso relatam terem sido submetidas a algum tipo de violência quer seja física e/ou sexual por parte do seu companheiro íntimo (OMS, 2021).

As previsões de prevalência da violência dos companheiros íntimos no decorrer da vida oscilam entre os 20% no Pacífico Ocidental, 22% nos países com rendimentos elevados e na Europa, 25% nas regiões das Américas da OMS, até 33% na região africana da OMS, 31% na região do Mediterrâneo Oriental da OMS e 33% na região Sudeste Asiático da OMS (OMS, 2021).

A nível global, até 38% de todos os assassinatos de mulheres são perpetrados por companheiros íntimos. Para além da violência cometida pelos parceiros, globalmente 6% das mulheres referem terem sido agredidas sexualmente por terceiros, apesar dos dados relativos à violência sexual por um não companheiro serem mais restritos. A violência sexual e a exercida pelo companheiro íntimo são, maioritariamente, perpetradas por homens contra as mulheres (OMS, 2021).

O confinamento ocorrido durante a pandemia de COVID-19, bem como os impactos sofridos, tanto a nível social, como económico intensificaram a vulnerabilidade das mulheres a companheiros íntimos violentos e a fatores de risco já conhecidos, aliado à limitação imposta nos acessos aos serviços de saúde. Situações de crises humanitárias e de deslocação podem agravar a violência existente anteriormente, por exemplo, pelos companheiros íntimos, bem como a violência sexual por alguém que não seja o seu parceiro, podendo também originar novas formas de violência contra as mulheres (OMS, 2021).

1.7 Prevalência da Violência no Namoro em Portugal

Apesar da violência nas relações amorosas somente ter sido encarada como um problema social específico na década de 60, em Portugal apenas foi objeto de estudo na década de 90. Ao longo deste período observou-se um aumento da consciencialização sobre a importância e proporção do problema da violência nos relacionamentos íntimos (Caridade & Machado, 2006).

Através da administração de questionários aos jovens foi possível verificar valores preocupantes (Caridade & Machado, 2006), o que fez com que aumentasse a relevância no estudo deste problema tão atual.

Segundo uma investigação elaborada por Oliveira (2009) que contou com a participação de 133 indivíduos, que permaneciam numa relação de namoro, verificou-se que 50 participantes (37,6%) reconhecem ter praticado, pelo menos uma vez, um comportamento abusivo para com o/a seu/sua companheiro/a. Relativamente ao género, 27 agressores pertenciam ao sexo feminino e 23 ao sexo masculino. No que diz respeito à vitimação, 57 indivíduos (42,9%) mencionaram terem sido vítimas, pelo menos uma vez, de comportamentos violentos por parte do/a seu/sua parceiro/a, sendo que destes 35 eram do sexo feminino e 22 do sexo masculino.

No ano de 2011, Caridade, realizou um estudo com, aproximadamente, 4500 jovens entre os 13 e os 29 anos e comprovou que 1 em cada 4 jovens referiram que foram vítimas de alguma forma de violência por parte do/a seu/sua parceiro/a.

Tendo como base os dados estatísticos do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF), a que a Agência Lusa acedeu, o número de vítimas de violência no namoro cresceu cerca de 60% no decorrer de três anos, entre 2014 e 2016, perfazendo 767 vítimas em 2016, traduzindo-se num aumento próximo a 10% relativamente às 699 vítimas de 2015. No entanto, comparativamente ao ano de 2014, houve um acréscimo no número de casos de quase 60%, ou seja, 484 vítimas (Lusa, 2017).

O INMLCF constatou que, em relação ao perfil da vítima que sofre violência no namoro, a maioria dos 767 casos relatados em 2016 eram do sexo feminino (657), sendo que somente 14,3% eram do sexo masculino. Entre 2014 e 2016, existiu um aumento de 55% de vítimas do sexo feminino, passando de 424 em 2014 para 657 em 2016. Por sua vez, o número de vítimas do sexo masculino cresceu exponencialmente, visto que em 2014 o número de vítimas foi de 60 e em 2016 foram registadas 110 vítimas, o que simboliza um aumento de 83,3% (Lusa, 2017).

De acordo com a mesma publicação da Agência Lusa (2017), verificou-se que durante os três anos anteriormente referidos (de 2014 a 2016), ocorreu um crescimento do número de casos divulgados ao INMLCF em que as vítimas descrevem encontrar-se numa relação de namoro. O que não significa um aumento real do número de casos, mas sim a uma maior consciencialização das vítimas sobre os seus direitos, bem como na necessidade em ser apresentada uma queixa às autoridades.

Tendo em conta um estudo nacional realizado pela UMAR (2020) sobre a violência no namoro, no qual participaram 4598 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 21 anos, com uma amostra composta por 2577 raparigas (56%) e 1975 rapazes (43%), é notório que a violência se encontra bastante presente no seu dia a dia, sobretudo sob a forma de controlo (26%), de perseguição (23%), de violência sexual (19%), de violência psicológica (15%), de violência através das redes sociais (14%) e de violência física (5%), dado que os jovens já sofreram estes tipos de violência.

Um outro estudo nacional sobre a violência no namoro no ensino superior, promovido pela API, contém dados de abril de 2017 a janeiro de 2021, com uma amostra que é constituída por 4354 participantes, dos quais 53,8% dos indivíduos já sofreram, pelo menos uma vez, uma situação de violência no namoro e 34,4% já praticaram, pelo menos uma vez, uma situação de violência no namoro (Neves, 2021).

Resumindo, é fulcral prevenir e informar a população sobre as diversas situações que incluem violência, assim como desvendar alguns mitos que podem surgir relacionados com esta temática.

1.8 Causas da Violência no Namoro

As causas inerentes à prática de violência numa relação de namoro contra o/a parceiro/a podem ocorrer devido a várias circunstâncias como, por exemplo, à Teoria da Vinculação (Paiva & Figueiredo, 2003) e à Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1999). Ambas dizem respeito ao ser humano. Apesar de outras teorias se centrarem em fatores internos e externos ao sujeito, todas são essenciais para ser possível identificar as diversas causas que originam situações de violência nos relacionamentos íntimos.

A Teoria da Vinculação (Paiva & Figueiredo, 2003) corresponde a uma das primeiras causas que remete para a existência de violência numa relação amorosa. Esta teoria explica que tanto as experiências vivenciadas, como as interações estabelecidas com as figuras importantes no decorrer da infância resultam em modelos internos dinâmicos, que cada

indivíduo constrói, visto que estes modelos irão influenciar os próximos comportamentos do indivíduo. Por conseguinte, os modelos internos dinâmicos englobam expectativas sobre a disponibilidade e responsividade das figuras de vinculação, pois caso estas relações sejam mantidas podem impactar as demais relações interpessoais do sujeito (Paiva & Figueiredo, 2003), ou seja, crianças que foram maltratadas durante a infância demonstram uma maior fragilidade, quer seja para serem vítimas ou perpetradoras de maus-tratos no que concerne a posteriores relações interpessoais relevantes (Dutton et al., 1994; Wekerle & Wolfe, 1998).

Seguindo a mesma perspectiva, a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1999) evidencia que os fatores familiares e os exemplos obtidos em contexto familiar são determinantes para a existência de fatores de risco, devido ao facto de futuramente na vida dos indivíduos poder ser estabelecida uma cultura de maus-tratos adquirida sobretudo através da observação e repetição/modelagem de comportamentos dos outros, uma vez que as crianças veem os adultos como um exemplo a seguir, imitando os seus comportamentos.

Em suma, diversos estudos revelam que a família detém um papel basilar na transmissão de práticas agressivas para as crianças. Este fator é perceptível quando os pais empregam a punição verbal, física e/ou psicológica tendo como intenção castigar os filhos, o que faz com que estes pais recorram, frequentemente, a métodos abusivos para comunicarem com os seus filhos e/ou com o/a seu/sua parceiro/a, em vez de tentarem resolver os conflitos através da comunicação (Wolfe & Jaffe, 1991). Nestes casos os pais estão a aumentar a probabilidade de, no futuro, os seus filhos apresentarem comportamentos agressivos (Oliveira & Sani, 2009; Riggs et al., 2011). Nestas situações os pais também demonstram que a violência corresponde a uma forma apropriada de resolução de conflitos.

1.9 Riscos da Violência no Namoro

Por sua vez, Caridade (2011) apresentou um grupo de fatores de risco que podem aumentar a predisposição à violência no namoro. Estes fatores podem ser segmentados em seis categorias: ambientais, sociodemográficos, familiares, intrapessoais, interpessoais e situacionais ou contextuais.

Relativamente aos fatores ambientais, estes têm em conta os grupos de pares e a violência que pode ser praticada em contexto escolar e de comunidade (Caridade, 2011). Os pares ocupam um papel de destaque na evolução do comportamento do jovem, uma vez que é a partir daqui que o mesmo constrói as suas normas, valores e atitudes, positivas ou negativas, que são assimiladas por intermédio da observação (Arriaga & Foshee, 2004). Num estudo

conduzido, nos Estados Unidos, por Arriaga e Foshee (2004) foi verificado que os jovens têm propensão a reproduzir os comportamentos assistidos e, por essa mesma razão, existe um aumento da possibilidade destes reproduzirem atitudes violentas, o que faz com que as possam transferir para as suas relações íntimas.

Suplementarmente, um estudo coordenado por Renner e Whitney (2012) com aproximadamente 10187 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e 27 anos, revelou que a violência física e a negligência vivida na infância têm sido, por parte do sexo feminino, associadas direta e consideravelmente à violência no namoro. Sob a perspectiva do sexo masculino, estes consideram que o abuso sexual na infância é a prática que se evidencia perpetuadora de violência.

Por sua vez, os fatores sociodemográficos incluem questões de idade, género, nível socioeconómico, cultural, etc. A variável género foi alvo de maior estudo como intensificador de agressão nos relacionamentos (Archer, 2000). Sendo que, o género feminino revela ser, num estudo realizado por Archer (2000), significativamente mais propício em comparação com o género masculino a recorrer a agressões físicas. Porém, ao observar as consequências físicas da agressão (ferimentos visíveis ou ferimentos que necessitam de cuidados médicos), são os homens que infligem lesões mais graves nas suas namoradas (Archer, 2000).

No que concerne ao nível socioeconómico constata-se que os resultados são contraditórios. Apesar de alguns estudos corroborarem que o nível socioeconómico enquanto fator de risco apresenta uma relação positiva entre a perpetração masculina da violência íntima e os níveis socioeconómicos médios-altos (Rivera-Rivera et al., 2007), outros estudos comprovaram o oposto, ou seja, uma associação positiva entre a violência na intimidade e os níveis socioeconómicos médios-baixos (Castro & Ruiz, 2004; Rivera-Rivera et al., 2006).

Por sua vez, a variável idade também demonstra ser pouco significativa entre a comunidade científica, relativamente à sua relação com a violência no namoro (Lewis & Fremouw, 2001), visto que existe um número elevado de estudos que consideram a variável idade como sendo irrelevante (Gover, 2004; Harned, 2002; Howard et al., 2003; Malik et al., 1997; Noland et al., 2004; Vicary, et al., 1995).

No que remete aos fatores familiares, estes dizem respeito à violência em contexto familiar, manifestando-se em forma de maus-tratos, de episódios de agressividade entre o casal ou até mesmo de abuso sexual na infância (Caridade, 2011). Arriaga e Foshee (2004) bem como Carr e Vandusen (2002) constataram uma associação direta entre a violência nos relacionamentos de namoro e a existência de atos abusivos em contexto familiar. Ao passo

que Wolfe et al. (2001) e Malik et al. (1997) verificaram a vivência de maus-tratos por parte dos progenitores.

Desta forma, crianças com infâncias marcadas pela negligência praticada pelos pais exibem uma maior probabilidade de, no futuro, manterem relacionamentos amorosos caracterizados por ações violentas (Paiva & Figueiredo, 2003). Por outras palavras, crianças que tenham assistido a maus-tratos entre os pais, apresentam uma maior probabilidade de transferirem este tipo de comportamentos para relacionamentos futuros, a partir do momento em que se encontram numa relação amorosa, visto que aprenderam estes comportamentos através da imitação e observação (Oliveira 2011).

No âmbito mais intrapessoal, Caridade (2011) destacou a depressão, a baixa autoestima e os comportamentos suicidas como fatores intrapessoais (fatores de risco) para a existência de violência no namoro. Cleveland et al. (2003) comprovaram uma associação entre sintomas depressivos e a vivência de episódios de violência física e sexual nos relacionamentos íntimos dos jovens. Sob a mesma perspetiva, Roberts et al. (2003) concluíram, num estudo aplicado a 4443 jovens, que os abusos praticados pelo parceiro íntimo apresentam diferentes comportamentos de risco consoante o género. No sexo feminino, foram verificadas algumas atitudes de risco, nomeadamente, comportamentos suicidas e antissociais, uso de substâncias ilícitas e depressão. Em contrapartida, no sexo masculino somente foram apurados sintomas depressivos.

No que concerne a fatores interpessoais, Lewis e Fremouw (2001) salientam a satisfação relacional, as estratégias para a resolução de adversidades e as capacidades de comunicação como aspetos impactantes no sucesso de um relacionamento amoroso. Marcus e Swett (2002) demonstraram que a duração e a seriedade de uma relação são elementos diretamente proporcionais à ocorrência de atos violentos, isto é, a violência no namoro intensifica-se com a duração e seriedade da relação, possivelmente devido ao aumento de existir dependência emocional para com o/a parceiro/a. Complementarmente, o desenvolvimento das capacidades de comunicação é encarado como uma condição capaz de diminuir a violência no namoro, uma vez que é considerada a possibilidade de expressar sentimentos de forma clara, o que levará a uma diminuição da má interpretação por parte do/a companheiro/a (Avery-Leaf & Cascardi, 2002 citado por Mahlstedt & Welsh, 2005).

Por fim, no que diz respeito aos fatores situacionais ou contextuais, estes surgem na forma de drogas ou álcool. Alguns autores como Cleveland et al. (2003); Gover (2004); Harned (2002); Malik et al. (1997); Roberts e Klein (2003); Roberts et al. (2003) demonstraram a existência de uma relação entre o consumo deste tipo de substâncias e a

violência nos relacionamentos. Adicionalmente, a associação entre estes dois elementos revelou-se significativamente mais forte para os indivíduos do sexo feminino do que para os indivíduos do sexo masculino (Robert & Klein, 2003).

Após a identificação dos fatores de risco presentes na violência no namoro é igualmente importante conhecer as consequências que advêm de um relacionamento violento.

1.10 Consequências da Violência no Namoro

É crucial salientar quais as consequências que este tipo de violência provoca nas vítimas, tais como: diminuição da autoconfiança; medo; tristeza; dificuldades ao nível da concentração; dificuldades em dormir; dificuldades ao nível da memória e em tomar decisões; desconfiança face a outros indivíduos; mudanças abruptas em comportamentos do quotidiano; distanciamento de pessoas anteriormente próximas; desentusiasmo ou indiferença por atividades anteriormente agradáveis; decréscimo no rendimento escolar ou diminuição do desempenho no trabalho; lesões físicas para as quais a vítima não apresenta qualquer justificação (APAV, 2020a). Posto isto, como já foi referido anteriormente, é imprescindível mencionar que a violência no namoro é um crime público, ou seja, qualquer pessoa pode efetuar uma denúncia às autoridades (Artigo 152.º, n.º 1, b); Lei n.º 94/2021, 2021).

O artigo 152.º diz respeito ao crime de Violência Doméstica, contudo engloba o fenómeno da violência em todo o tipo de relacionamentos íntimos como se pode comprovar através da Figura 1.3.

Artigo 152.º

Violência doméstica

1 - Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade, ofensas sexuais ou impedir o acesso ou fruição aos recursos económicos e patrimoniais próprios ou comuns:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
 - b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
 - c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou
 - d) A pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;
 - e) A menor que seja seu descendente ou de uma das pessoas referidas nas alíneas a), b) e c), ainda que com ele não coabite;
- é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2 - No caso previsto no número anterior, se o agente:

- a) Praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima; ou
 - b) Difundir através da Internet ou de outros meios de difusão pública generalizada, dados pessoais, designadamente imagem ou som, relativos à intimidade da vida privada de uma das vítimas sem o seu consentimento;
- é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3 - Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, incluindo aqueles em que couber pena mais grave por força de outra disposição legal, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5 - A pena acessória de proibição de contacto com a vítima deve incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento deve ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6 - Quem for condenado por crime previsto no presente artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício de responsabilidades parentais, da tutela ou do exercício de medidas relativas a maior acompanhado por um período de 1 a 10 anos.

Figura 1.3 *Artigo 152.º Violência doméstica (Lei n.º 94/2021, 2021)*

Existem diversos estudos sobre o papel de agressor e de vítima ser variável. Caridade e Machado (2006), têm apontado nos seus estudos que os homens se encontram sobretudo no papel de agressores, enquanto que as mulheres se encontram, na maioria dos casos, no papel de vítimas.

No entanto, outros estudos referentes a esta temática contradizem o facto de os homens serem, maioritariamente, os agressores e as mulheres as vítimas, advertindo que nos relacionamentos de namoro dos mais jovens a violência é perpetuada pelos dois companheiros, destacando que as mulheres podem ser tão violentas em comparação com os homens (APAV, 2020a; Beserra et al., 2016; Paiva & Figueiredo, 2004).

Não obstante, sem ter em consideração o género da vítima, as consequências a nível físico podem ser pequenos ferimentos, a incapacidade permanente da vítima ou até mesmo a sua morte (Leitão, 2003), bem como traumatismos, contusões, equimoses, hematomas, cortes, entre outros (OMS, 2002).

Sharps e Campbell (1999), evidenciam que em circunstâncias mais graves, a violência contra as mulheres nos relacionamentos íntimos pode levar a que as vítimas autoinflijam violência, levando-as ao suicídio ou a cometerem homicídio para conseguirem evitar mais situações de violência, o que faz com que existam consequências tanto ao nível da saúde física como mental das mesmas.

Quando comparada à violência física, a violência psicológica deixa mais traumas na vítima, causando um maior impacto na sua vida. Este tipo de violência tende a deixar mazelas, sendo que a vítima pode desenvolver, por exemplo, muitas dores de cabeça, mal-estar, doenças mentais, depressão, angústia, consumo excessivo de álcool e drogas,

desenvolver comportamentos antissociais, disfunções alimentares, stress pós-traumático, comportamentos sexuais de risco e até mesmo tentativas de suicídio (OMS, 2002).

Também é importante referir que a violência se traduz em danos tanto a curto como a longo prazo para as vítimas (Matos et al., 2006).

As consequências que advêm da prática de violência nas relações de namoro são imensas, tornando-se mais graves quanto maior for a intensidade e duração da relação violenta. No entanto, o impacto desta violência nos jovens, especialmente, nas vítimas não é linear, visto que depende de um grande conjunto de fatores de risco que pode intensificar ou enfraquecer os efeitos da violência (Caridade & Machado, 2006).

Em suma, é possível constatar que a exposição à violência nos relacionamentos de namoro origina consequências nocivas para os dois sexos e, em muitos casos, prediz a violência na idade adulta, dado que as vítimas deste tipo de violência são três vezes mais suscetíveis de serem, uma vez mais, alvo de abusos em relações seguintes comparativamente aos jovens que nunca foram vítimas (Temple & Freeman, 2011).

1.11 Mitos da Violência no Namoro

É durante a adolescência que se pode intensificar a afirmação dos papéis de género, visto que a violência pode ser aceite assim como a sua legitimação pelo facto de a mesma estar relacionada a mitos do que é o “amor romântico”. Neste caso a violência pode passar a ser vista como uma prova de amor ou como “aceitável” em determinadas situações, sendo este um período favorável à aceitação de mitos sobre o significado de um relacionamento romântico. Qualquer um destes fatores pode fazer com que o risco de envolvimento num relacionamento abusivo seja maior (Matos et al., 2006).

De acordo com Carlson (1999), um relacionamento duradouro irá aumentar a probabilidade de os atos violentos perpetrados pelo/a seu/sua companheiro/a serem, com maior facilidade, legitimados e desculpabilizados. Por conseguinte, a “pequena violência” (insultos, bofetadas, ameaças, entre outros) pode ser banalizada e minimizada, originando a continuação da prática de comportamentos abusivos por parte dos agressores, e por essa razão, as vítimas permanecem na relação.

Diversos estudos revelam que os jovens, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, apresentam uma baixa concordância no que diz respeito à utilização de violência nos relacionamentos de namoro (Machado, Matos & Moreira, 2003 citado por Caridade & Machado, 2006). No entanto, outros estudos evidenciam que o fator que faz com que os

jovens inflijam violência contra o/a seu/sua companheiro/a se deve à crença de que a prática de violência é “aceitável” (Malik et al., 1997; O’Keefe, 1997).

Segundo Johnson e Das (2009), a “aceitação da violência” por parte dos homens representa um dos principais indicadores de comportamento violento, visto que comparativamente aos homens que não acreditam que a violência é aceitável, os que acreditam que, esporadicamente, cometer ações violentas contra a sua companheira é “aceitável” apresentam o dobro da probabilidade de praticar esses mesmos atos abusivos. Por outro lado, os que acreditam que, na maioria das situações, é aceitável agredir a sua parceira, a probabilidade da prática de violência aumenta para quatro vezes.

Assim, tendo como base o pressuposto de que a violência corresponde a uma prática “normal” e “comum”, os homens tendem a relacionar os ciúmes com uma ocasião para a realização de comportamentos violentos, enquanto que as mulheres têm tendência a confundir os ciúmes com amor (Ventura et al., 2013).

Deste modo, a “aceitação” da violência como sendo algo natural e normal, bem como as crenças que se encontram relacionadas com o amor tornam mais difícil a consciencialização da população, ou seja, os atos abusivos passam a ser vistos como fazendo parte do quotidiano dos indivíduos (Ventura et al., 2013).

As crenças estão relacionadas com estereótipos que ajudam a compreender o fenómeno da violência, sendo que o mesmo é percecionado como um assunto particular, (“a violência íntima é um assunto privado, deve ser resolvido em casa”), negando-o e regularizando-o (“uma bofetada não magoa ninguém”) ou desculpando-se (“os homens batem nas mulheres apenas quando estão de cabeça perdida”) e, ainda, se as vítimas forem mal interpretadas (“se as mulheres se portarem como boas esposas não serão maltratadas”) ou se o ponto de vista do agressor for erróneo (“um homem tem o direito de castigar a mulher se ela faltar ao cumprimento dos seus deveres”; Matos et al., 2006, p. 68 e 69).

Por fim, é importante salientar alguns mitos do amor romântico, nomeadamente, “todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gémea””; “a separação do(a) parceiro(a) é um fracasso”; “um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor”; “quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor”; “os ciúmes são um sinal de amor”; “se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz”; “se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar” (Carrascosa et al., 2019).

Assim sendo, pode concluir-se que é imprescindível analisar tanto os mitos como as atitudes dos indivíduos face à perpetração e/ou vitimização da violência, dado que esta

depende do contexto, isto é, se o mesmo é social, histórico ou cultural (Caridade & Machado, 2006).

1.12 Prevenção de Comportamentos Violentos

Relativamente à intervenção na violência nos relacionamentos amorosos, é possível verificar que o maior foco de incidência tem sido na sua prevenção, através da criação de projetos de prevenção exemplares direcionados para os mais jovens tendo por base uma prevenção primária do problema, traduzindo-se em resultados bastante promissores (Saavedra, 2010).

Esta prevenção da violência deve-se à elaboração de iniciativas e à junção de esforços, tanto a nível público como privado, tendo como objetivo diminuir o risco de episódios de violência e/ou de crimes, através da redução de fatores de risco e/ou da promoção de fatores de proteção, minimizando desta forma as repercussões e o impacto da violência ou de crime nos indivíduos, assim como na sociedade (APAV, 2020b).

De acordo com Hage (2000), a prevenção da violência pode passar pelo desenvolvimento de políticas governamentais, institucionais e comunitárias, promovendo deste modo as relações de género e a cooperação, impulsionando a autonomia, a resiliência dos intervenientes e o seu sentido de comunidade, assim como a resolução de conflitos de forma pacífica através da não violência.

“A prevenção assenta, portanto, na convicção de que o comportamento violento ou criminal pode ser evitado ou remediado” (APAV, 2020b, p.1).

Segundo a APAV (2020b), Matos et al. (2006) e Saavedra (2010), a prevenção da violência no namoro pode apresentar três dimensões distintas, tendo em conta o momento em que a intervenção é efetuada:

- Prevenção primária: intervenção que tem como finalidade prevenir a violência antes da sua ocorrência, de modo a impedir o seu surgimento. É importante trabalhar com indivíduos sem contacto com realidades violentas nas suas relações, bem como na sua rede de suporte, fomentando a não utilização de violência, mas sim de boas atitudes;
- Prevenção secundária: intervenção direcionada ao tratamento precoce e imediato de episódios violentos previamente assinalados, tendo como objetivo pôr fim à prática de violência. Nestas situações, o trabalho é destinado a indivíduos com elevado risco de se tornarem agressores ou vítimas na intimidade como, por exemplo, jovens que foram vítimas de violência parental ou que estiveram expostos à violência interparental;

- Prevenção terciária: intervenção focada na reabilitação e reintegração de indivíduos com historial de perpetração de violência, assim como na redução do impacto e do trauma relacionados com vivências de vitimação. Nestes casos, o trabalho é dirigido a indivíduos que já experienciaram situações de violência no namoro e que necessitam de apoio, de forma a minimizar o impacto sofrido pela vítima, evitando uma nova vitimação. Por outro lado, a intervenção também é realizada junto de agressores que praticaram violência no namoro e que procuram, voluntariamente, cessar este tipo de comportamentos violentos.

Gordon (1983) citado por Saavedra (2010), menciona que a prevenção tem de ter em consideração a população em geral, independentemente do nível de risco, podendo ser denominada de prevenção universal. Já a prevenção seletiva diz respeito à prevenção que é destinada a grupos de indivíduos considerados com maior risco de envolvimento em acontecimentos violentos comparativamente à população em geral, ou seja, a sujeitos que manifestam um ou mais fatores de risco. Por último, a prevenção indicada remete para uma abordagem de intervenção direcionada a grupos de alto risco, quer seja enquanto vítimas e/ou enquanto agressores/as.

Através de um estudo realizado por Santos (2015) que contou com a participação de cinco profissionais (uma socióloga, duas psicólogas e duas assistentes sociais) que desempenhavam funções em locais onde prestam apoio a jovens que foram vítimas de violência no namoro, foi possível verificar que, segundo o ponto de vista destas profissionais, a intervenção junto dos jovens em idade escolar (idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos), deve passar pela ampliação e desenvolvimento de projetos, tanto nas escolas, como em associações a fim de capacitar os jovens para a resolução de problemas nos seus relacionamentos de namoro, tendo como intuito promover a não violência, assim como uma cultura não violenta entre os jovens.

Estas profissionais defendem que uma das principais estratégias para a prevenção desta problemática, passa por inculcar nos jovens uma consciência sobre o significado de uma relação saudável, diferenciando em que consiste uma relação saudável de uma não saudável. Para tal, existe a necessidade de encontrar profissionais habilitados, assim como planos de intervenção através da realização de ações de sensibilização tais como palestras, debates, distribuição e colocação de cartazes ou até mesmo a criação de um gabinete de apoio nas escolas (Santos, 2015).

Os jovens devem ser vistos como alvos de intervenção de prevenção primária, não apenas como alvos passivos, mas sobretudo como agentes ativos de mudança capazes de desconstruírem crenças e mitos, de assimilarem conhecimentos recentes, de refletirem sobre

as consequências dos seus comportamentos, de adquirirem competências e de as utilizarem de forma eficaz, tomando decisões de mudança conscientes com repercussões tanto a nível individual como comunitário (Sá et al., 2013).

Em suma, a prevenção da violência é essencial para a redução dos danos provocados nas vítimas, bem como para a promoção da saúde e do bem-estar dos mais jovens (Wekerle & Tanaka, 2010).

1.13 Dissonância Cognitiva

A teoria da dissonância cognitiva é da autoria de Leon Festinger (1957). Festinger verificou que os indivíduos revelam desconforto quando sentem que se encontram na presença de duas crenças contraditórias ou quando identificam alguma inconsistência nas suas ações e/ou crenças. Dito isto, é relevante destacar que Festinger e Carlsmith (1959), demonstraram que os indivíduos que estão conscientes da discrepância entre as suas ações e atitudes, mudam as suas crenças e comportamentos, de forma a conseguirem reduzir o desconforto causado pela dissonância. Ou seja, quando os indivíduos se tornam conscientes da existência de uma dissonância ocorre uma mudança nas suas atitudes e, conseqüentemente, no seu comportamento. Desde o desenvolvimento desta teoria, os investigadores apresentaram vários programas, tendo como finalidade alterar os comportamentos problemáticos com base na teoria da dissonância cognitiva (Steinmetz et al., 2019). As seguintes intervenções de dissonância cognitiva foram úteis para, por exemplo, combater o preconceito racial (Eisenstadt & Leippe, 2005; Eisenstadt et al., 2005), o consumo de álcool (McNally et al., 2005) e a utilização de preservativos entre estudantes universitários (Stone et al., 1994).

A investigação revela que os estudantes universitários irão mudar a sua atitude relativamente a uma situação que consideram ser inconsistente com a sua crença anteriormente defendida (Eisenstadt et al., 2005). Um estudo realizado por Eisenstadt et al. (2005), evidenciou que os estudantes brancos relataram menos preconceitos raciais para com os colegas negros, depois de escreverem textos persuasivos que apoiavam um maior financiamento de bolsas de estudo para os estudantes negros, aumentando os custos das propinas para os estudantes brancos (Eisenstadt & Leippe, 2005; Eisenstadt et al., 2005; Leippe & Eisenstadt, 1994).

É notório nos resultados de Leippe e Eisenstadt (1994), que a atitude dos estudantes brancos muda de forma geral as suas convicções sobre o preconceito racial no seu todo, apesar do tema dos argumentos escritos pelos participantes nesta investigação ser sobre o

apoio do aumento do financiamento de bolsas de estudo para os estudantes negros, aumentando os custos das propinas para os estudantes brancos (ou seja, o aumento do custo das propinas para os estudantes brancos faz com que estes paguem mais bolsas de estudos aos estudantes negros) não ir diretamente ao encontro desse motivo.

Por conseguinte, as conclusões de Leippe e Eisenstadt (1994), indicam que os paradigmas de conformidade induzidos, por outras palavras, tarefas que exigem que os participantes se envolvam em comportamentos que são contraditórios com as suas atitudes ou convicções, podem alterar atitudes complexas e duradouras sobre questões socioculturais.

O estudo desenvolvido por Steinmetz et al. (2019) baseou-se na aplicação da teoria da dissonância cognitiva à temática da prevenção da agressão sexual. Os indivíduos que defendem os mitos da violação experienciaram conflitos depois de apoiarem crenças anti violência contra as mulheres. Exemplificando, segundo a teoria da dissonância cognitiva, os participantes que estão de acordo com a afirmação “Se uma rapariga é violada enquanto está embriagada, é pelo menos um pouco responsável por deixar as coisas descontrolarem-se” tiveram de escrever um texto com argumentos onde explicam o porquê desta crença ser problemática, faz com que estes experienciem dissonância. Tendo como objetivo superar a experiência desagradável da dissonância, esperar-se-ia que os participantes alterassem as suas atitudes com vista a concordarem com o texto anti violência contra as mulheres escrito pelos mesmos. Para tal, após concluída a tarefa de dissonância cognitiva, todos os participantes preencheram um questionário sobre mitos da violação. O mesmo avaliou as motivações dos participantes para parecerem não sexistas, sendo uma tarefa que os obrigava a identificar o início de um comportamento sexual coercivo por parte de um indivíduo do sexo masculino num cenário de violação.

Por sua vez, o questionário selecionado incluiu duas escalas que diferenciam motivações internas de motivações externas para parecer não sexista para com as mulheres (Klonis et al., 2005). Por conseguinte, esta diferenciação ajuda a interpretação dos resultados do estudo, atendendo ao facto de que a manipulação deverá ter impacto nos processos psicológicos internos dos participantes e não em fatores impulsionados externamente como, por exemplo, a pressão do investigador ou o desejo de parecer socialmente aceitável para com os pares. Em primeiro lugar, a utilização de medidas de resultados sobre temáticas relacionadas com o apoio do mito da violação pode comprovar que a defesa que vai contra a aceitação do mesmo pode alterar atitudes no âmbito do sistema de crenças, demonstrando prever altas taxas de agressão sexual entre populações universitárias (Leippe & Eisenstadt, 1994).

Tendo como base o estudo de Steinmetz et al. (2019) foi possível verificar que um pequeno exercício de escrita (uma reflexão com, aproximadamente, 20 minutos) onde era pedido aos participantes para escreverem textos persuasivos e argumentativos contra as crenças do mito da violação anteriormente apoiadas, diminuiu a aceitação do mito da violação, sendo que os tamanhos dos efeitos foram grandes e parcialmente preservados ao longo do tempo.

Os resultados indicaram que a manipulação da dissonância cognitiva aumentou a motivação interna dos participantes para responderem de uma forma não sexista. Além disso, os participantes que responderam ao questionário referente à condição de manipulação da dissonância cognitiva detetaram comportamentos sexualmente coercivos com maior antecedência num cenário onde constava uma vinheta de violação, do que os participantes que se encontravam no grupo de controlo, o que sugere uma maior consciencialização ou reflexão acerca de comportamentos sexualmente coercivos. O efeito da condição de dissonância cognitiva não revelou variações entre homens e mulheres (Steinmetz et al., 2019).

O estudo de Steinmetz et al. (2019) foi o primeiro a recorrer à utilização de um paradigma de dissonância cognitiva como forma de alterar atitudes associadas à agressão sexual. Os resultados sugerem que a utilização de um novo paradigma de dissonância cognitiva pode ser uma intervenção eficiente no sentido de alterar as crenças do mito da violação, bem como as percepções de comportamentos sexuais coercivos entre os estudantes universitários. As conclusões desta investigação aparentam ser bastante promissoras quando se analisa a brevidade da intervenção da dissonância cognitiva, visto que os participantes demoraram, em média, 20 minutos para escreverem os seus textos argumentativos, contradizendo as crenças do mito da violação.

Por sua vez, os resultados também demonstram que os participantes na condição de dissonância cognitiva relataram uma maior motivação interna para parecerem não sexistas no pós-teste, assim como no acompanhamento comparativamente aos participantes no grupo de controlo. Por outro lado, os participantes que se encontravam tanto na condição de dissonância cognitiva como na condição de controlo relataram níveis similares de motivação externa para não parecerem sexistas no pós-teste e no acompanhamento. Estes resultados indicam que o foco em crenças concretas (ou seja, os estudantes escreveram dois textos argumentativos que contradisseram crenças específicas sobre mitos de violação) através de uma tarefa de dissonância cognitiva também pode ter influência nas crenças relacionadas com atitudes apresentadas para prever a agressão sexual. Esta constatação é compatível com a investigação de Leippe e Eisenstadt (1994) que evidenciou que os estudantes universitários

manifestaram menos preconceitos raciais após escreverem um texto persuasivo para que existisse um aumento das oportunidades de bolsas de estudo para os estudantes negros.

Concluindo, este estudo sugere que a persuasão autoinduzida de atitudes contra as crenças do mito da violação pode alterar as perspectivas dos estudantes universitários sobre o comportamento que constitui a agressão sexual. A rotulação precoce de comportamentos agressivos e de coação que antecedem à agressão sexual pode auxiliar tanto homens como mulheres a identificar e combater comportamentos de alto risco que levam à violência sexual (Steinmetz et al., 2019).

1.14 Presente Estudo

O presente estudo insere-se no domínio da Psicologia Social, nomeadamente, na utilização de um paradigma de dissonância cognitiva para a prevenção da violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais. Pretende-se investigar se é possível reduzir atitudes positivas face à violência no namoro, assim como alterar o grau de concordância dos participantes perante alguns mitos sobre a violência no namoro através da utilização de um paradigma de dissonância cognitiva, replicando um estudo recente de Steinmetz et al. (2019). É esperado que se verifique uma redução das atitudes positivas face à violência no namoro, bem como uma redução do grau de concordância com os mitos apresentados aos participantes que se encontram na condição de dissonância cognitiva em relação à violência no namoro por comparação com uma outra condição de dissonância cognitiva não relacionada com a violência no namoro.

Procedeu-se à elaboração das seguintes hipóteses, tendo como finalidade avaliar se:

Hipótese 1: Para cada uma das dimensões das atitudes em relação à violência no namoro, bem como para a escala total, espera-se que na condição de dissonância cognitiva as atitudes em relação à violência sejam menos positivas do que na condição de controlo.

Hipótese 2: Para cada um dos mitos sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, os participantes concordaram menos com os mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra esses mitos do que antes dessa escrita.

Capítulo 2 – Método

2.1 Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 117 estudantes universitários, dos quais 90 são do sexo feminino (76,9%) e 27 são do sexo masculino (23,1%). Os participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos ($M=23.50$; $DP=3.76$).

No que concerne ao nível de escolaridade, 44 participantes possuem uma licenciatura (37,6%), 1 detém uma pós-graduação (0,9%), 68 têm o mestrado (58,1%) e 4 possuem um doutoramento (3,4%). Relativamente à nacionalidade dos participantes, 113 são de nacionalidade portuguesa (96,6%) e 4 são de outra nacionalidade (3,4%). Um indivíduo é de nacionalidade cabo-verdiana (0,9%), dois são de nacionalidade brasileira (1,6%) e um possui dupla nacionalidade, isto é, brasileira/portuguesa (0,9%). Por último, 75 participantes encontram-se, atualmente, num relacionamento amoroso heterossexual (64,1%) e 42 não estão num relacionamento amoroso heterossexual (35,9%).

No que diz respeito à seleção de participantes para responderem ao questionário da presente investigação, existem alguns critérios de inclusão, nomeadamente, os participantes serem estudantes universitários com mais de 18 anos e já terem experienciado um relacionamento amoroso heterossexual.

2.2 Instrumentos

Tendo em conta as variáveis dependentes deste estudo foram utilizadas as seguintes escalas: a escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), o questionário sobre o meio de transporte até à universidade e a Escala de Mitos sobre o Amor Romântico.

A escala EAVN foi traduzida e adaptada por Saavedra et al. (2008) para a população portuguesa. A mesma corresponde a uma adaptação da “*Attitudes Toward Dating Violence Scale*”, desenvolvida e validada por Price, Byers e “*The Dating Violence Research Team*”, em 1999. A EAVN diz respeito a um instrumento de autorrelato, sendo constituída por 76 itens e dividida em 6 subescalas relacionadas com atitudes face à violência no namoro. A resposta é dada através de uma escala tipo Likert de 5 pontos (podendo variar entre 1 = “discordo totalmente” e 5 = “concordo totalmente”). É importante referir que os dados foram codificados de forma a que todas as afirmações apresentadas na escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) fossem de encontro ao objetivo desta investigação, ou seja, averiguar se é possível reduzir atitudes positivas face à violência no namoro, sendo que a

mesma foi aplicada tanto na condição de dissonância cognitiva como na condição de controlo. Para tal, procedeu-se à inversão dos seguintes itens: 1, 2, 5, 9, 10 e 13 na variável atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM); 1, 3, 5 e 7 na variável atitudes acerca da violência física masculina (VFM); 2, 4, 5 e 12 na variável atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM); 1, 2 e 13 na variável atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF); 7, 8, 10 e 12 na variável atitudes acerca da violência física feminina (VFF); 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10 na variável atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF). Deste modo, quanto maior for o valor da escala (5 = “concordo totalmente”), mais positivas são as atitudes dos participantes em relação à violência no namoro.

A fim de garantir a consistência interna, foram calculados os alfas de *Cronbach* das 6 subescalas e da escala total de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Assim sendo, 15 itens correspondem às atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM) como, por exemplo, “Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.”, ($\alpha=.69$), indicando um nível aceitável de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); 12 itens representam as atitudes acerca da violência física masculina (VFM) como, por exemplo, “Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.”, ($\alpha=.77$), revelando um bom nível de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); 12 itens refletem as atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM) como, por exemplo, “Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.”, ($\alpha=.69$), apontando para um nível aceitável de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); 13 itens traduzem as atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF) como, por exemplo, “Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.”, ($\alpha=.77$), apresentando um bom nível de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); 12 itens descrevem as atitudes acerca da violência física feminina (VFF) como, por exemplo, “Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.”, ($\alpha=.76$), evidenciando um bom nível de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); 12 itens referentes às atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF) como, por exemplo, “Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.”, ($\alpha=.79$), mostrando um bom nível de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016); e, por fim, a escala total de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) apresenta um alfa de *Cronbach* de .93, realçando uma consistência interna muito boa (Pereira & Patrício, 2016).

Esta escala foi aplicada depois dos participantes escreverem argumentos que contradissem tanto os mitos sobre a violência no namoro, como os mitos que promovessem a condução até à universidade, tendo sido utilizada em ambas as condições (condição de

dissonância cognitiva e condição de controlo). Dado que os itens desta escala especificam o género do parceiro e assumem uma relação entre rapazes e raparigas, a amostra foi cingida a estudantes universitários que já experienciaram relacionamentos amorosos heterossexuais.

Por sua vez, o questionário sobre o meio de transporte até à universidade foi adaptado do estudo de Steinmetz et al. (2019) e foi administrado a ambos os grupos (condição de dissonância cognitiva e condição de controlo). Tendo como intuito que os participantes pensassem que o objetivo desta investigação se focava no interesse em criar anúncios de serviço público sobre o meio de transporte até à universidade para ambos os grupos. Esta medida é constituída por 7 itens (e.g., “É conveniente para os estudantes irem a pé até à universidade.”), sendo pedido aos participantes que classificassem o seu grau de concordância através de uma escala tipo Likert de 5 pontos de 1 = “discordo totalmente” a 5 = “concordo totalmente”.

Em suma, a Escala de Mitos sobre o Amor Romântico (Rodríguez-Castro et al., 2013 adaptada por Carrascosa et al., 2019) tem como objetivo avaliar o grau de concordância dos participantes com os sete itens (mitos) apresentados na condição de dissonância cognitiva. A mesma não se encontra validada para a população portuguesa, o que fez com que decidíssemos interpretar cada um dos mitos separadamente. Por este motivo, a escala foi traduzida através do processo de tradução-retroversão, de inglês para português (e.g., “Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”). Os participantes indicaram o número que melhor expressa a sua opinião, através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, sendo que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”.

Tendo como objetivo verificar a consistência interna, foram calculados os alfas de *Cronbach* pré escrita de argumentos e após a escrita dos mesmos. Verificámos que pré escrita de argumentos o valor dos alfas de *Cronbach* ($\alpha=.69$) é aceitável de consistência interna (Pereira & Patrício, 2016), no entanto, após a escrita dos mesmos ($\alpha=.53$) esse valor é fraco (Pereira & Patrício, 2016).

2.3 Procedimento

Anteriormente à aplicação do questionário foi efetuado um pré-teste, junto de uma amostra de estudantes universitários, tendo sido enviada uma proposta para a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) com o intuito de receber aprovação para a divulgação do estudo através da medida de Apoio à Investigação em Saúde Psicológica da OPP (AISP). Após a receção da aprovação por parte da OPP foram realizadas tanto as alterações, como os ajustes finais no

questionário. De seguida, foi iniciada a recolha de dados através de publicações *on-line* nas redes sociais como LinkedIn, Facebook e Instagram. A divulgação do questionário também foi efetuada através de uma rede de contactos pessoais, representando uma amostra não probabilística de conveniência.

O questionário *on-line* (*Qualtrics Survey Software*), contou com uma duração aproximada de 15 a 20 minutos, tendo início com uma apresentação do estudo e um consentimento informado que contém informação sobre o objetivo do estudo, os destinatários (estudantes universitários com idade mínima de 18 anos e que tenham experienciado relacionamentos amorosos heterossexuais), o tempo de resposta, e que os dados recolhidos se destinam apenas para fins científicos. É salientado o carácter anónimo e voluntário da participação, assim como a confidencialidade de todas as respostas, sendo os participantes informados de que a qualquer momento podem desistir sem qualquer consequência. É identificada a responsável pelo projeto, com indicação da afiliação institucional e e-mail de contacto. De seguida, são apresentadas as questões referentes aos critérios de inclusão. À posteriori foram explicadas as instruções de resposta a cada pergunta para uma melhor interpretação do que era pedido aos participantes, seguindo-se algumas questões de carácter sociodemográfico. No final do estudo, e antes dos participantes carregarem em submeter (confirmando assim que aceitam dar os seus dados aos investigadores), é explicado o objetivo do estudo, as principais variáveis manipuladas e medidas, e é dado novamente o contacto de e-mail da responsável pelo estudo, para possíveis informações e/ou esclarecimentos, terminando o questionário com este breve *debriefing*.

A recolha de dados decorreu durante cerca de cinco meses (de 8 de março até 11 de agosto de 2022). A amostra inicial era composta por 332 participantes. No entanto, foi necessário proceder à exclusão dos participantes que não cumpriram os requisitos estipulados (serem estudantes universitários com mais de 18 anos e já terem experienciado um relacionamento amoroso heterossexual) ou que não concluíram o preenchimento do questionário na sua totalidade, o que fez com que a amostra final fosse constituída por 117 participantes.

Os participantes foram distribuídos aleatoriamente por ambos os grupos (condição de dissonância cognitiva e condição de controlo). Tendo sido informado a todos os participantes, independentemente da condição em que se encontravam, que o objetivo deste estudo consistia na criação de anúncios de serviço público, com o intuito de corrigir perceções erradas que, de certa forma são comuns, nos estudantes universitários no que concerne à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais e também ao meio de transporte utilizado para

chegar à universidade. Os mesmos também foram informados de que seriam distribuídos por uma das duas condições, uma vez que o estudo recolheu informações sobre as suas opiniões nestes dois tópicos.

Condição de Dissonância Cognitiva. Na condição de dissonância cognitiva foi transmitido aos participantes que este estudo é importante para ajudar a desenvolver novos métodos de prevenção da violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais. Tendo sido pedido aos participantes, nesta condição, que escrevessem argumentos que pudessem ser utilizados num anúncio de serviço público, para contradizer mitos sobre a violência no namoro e convencer as pessoas de que esses mitos são falsos. Para tal, foram apresentadas 7 afirmações correspondentes aos mitos sobre o amor romântico como, por exemplo, “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.” (Rodríguez-Castro et al., 2013 adaptada por Carrascosa et al., 2019). Os participantes responderam, primeiramente, aos sete mitos referentes ao amor romântico assinalando o seu grau de concordância com cada uma das afirmações, escolhendo o número que melhor exprime a sua opinião através de uma escala tipo Likert de 5 pontos, sendo que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”. De seguida, tendo por base as mesmas afirmações escreveram argumentos que pudessem contradizer estes mitos, sendo que o tempo médio que os participantes demoraram a escrever os seus argumentos persuasivos foi de 14 minutos. E, por último, depois de responderem à escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), voltaram a responder às mesmas afirmações indicando o seu grau de concordância com cada um dos sete mitos através de uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = “discordo totalmente” e 5 = “concordo totalmente”; Anexo A) para ser possível verificar se os participantes, na condição de dissonância cognitiva, concordaram menos com os mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra esses mitos do que antes dessa escrita (Hipótese 2).

Condição de Controlo. Já os participantes na condição de controlo foram informados de que este estudo pretende promover formas alternativas de transporte até à universidade, para além da condução. Os participantes que se encontravam nesta condição escreveram argumentos sobre sete mitos relacionados com o meio de transporte até à universidade como, por exemplo, “É perigoso para os estudantes irem de bicicleta até à universidade.” (questionário sobre o meio de transporte até à universidade, adaptado do estudo de Steinmetz et al., 2019). Tendo sido pedido aos participantes que escrevessem argumentos que pudessem ser utilizados num anúncio de serviço público, com o objetivo de contradizer e convencer as pessoas de que

cada uma das afirmações apresentadas é falsa, sendo que o tempo médio que os participantes demoraram a escrever os seus argumentos persuasivos foi de, aproximadamente, 12 minutos. Após a escrita destes argumentos os participantes responderam à escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN; Anexo B).

Capítulo 3 – Resultados

Neste capítulo serão revelados os resultados obtidos, tendo por base a análise dos dados recolhidos através da aplicação do questionário *on-line*. As comparações entre dois grupos (condição de dissonância cognitiva e condição de controlo), foram calculadas recorrendo à utilização do teste paramétrico – teste *t* para amostras independentes – visto que o mesmo é considerado como sendo o mais apropriado quando se pretende comparar dois grupos em relação a uma variável dependente (Martinez & Ferreira, 2010), dado que as variáveis dependentes são quantitativas (atitudes acerca da violência psicológica masculina – VPM; atitudes acerca da violência física masculina – VFM; atitudes acerca da violência sexual masculina – VSM; atitudes acerca da violência psicológica feminina – VPF; atitudes acerca da violência física feminina – VFF; atitudes acerca da violência sexual feminina – VSF; escala total de atitudes acerca da violência no namoro – EAVN) e medidas numa escala tipo Likert de 5 pontos.

Por sua vez, as variáveis independentes são qualitativas nominais, ou seja, dizem respeito a dois grupos independentes (condição de dissonância cognitiva e condição de controlo). Assim sendo, o teste *t* para amostras independentes foi utilizado para verificar se existem diferenças entre o grupo da condição de dissonância cognitiva e o da condição de controlo em relação às variáveis dependentes.

Relativamente ao grau de concordância com os mitos, medidos apenas na condição de dissonância cognitiva, as comparações entre duas variáveis (anteriormente à escrita de argumentos e após a escrita dos mesmos), considerando um grupo (condição de dissonância cognitiva; Martinez & Ferreira, 2010), foram calculadas através da utilização do teste paramétrico – teste *t* para amostras emparelhadas – na medida em que o mesmo é o mais indicado para comparar, neste caso, a variável dependente (grau de concordância com os mitos), medida através de uma escala tipo Likert de 5 pontos.

Em contrapartida, a variável independente é qualitativa nominal (anteriormente à escrita de argumentos e após a escrita dos mesmos). Neste sentido, o teste *t* para amostras emparelhadas foi utilizado para verificar se existem diferenças nas respostas dos participantes relativamente aos mitos apresentados na condição de dissonância cognitiva anteriormente à escrita de argumentos e após a escrita dos mesmos.

Com o objetivo de analisar as estatísticas descritivas, os testes *t* para amostras independentes e o teste *t* para amostras emparelhadas entre as variáveis, recorreu-se à utilização da versão 28 do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

3.1 Estatística Descritiva

A análise descritiva evidenciou que dos 117 participantes, 62 preencheram o questionário direcionado para a condição de dissonância cognitiva e 55 responderam ao questionário referente à condição de controlo.

Relativamente à variável atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.32 ($DP=.35$) e na condição de controlo foi de 1.38 ($DP=.26$). No que diz respeito à variável atitudes acerca da violência física masculina (VFM), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.18 ($DP=.37$) e na condição de controlo foi de 1.19 ($DP=.27$). No que se refere à variável atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.23 ($DP=.37$) e na condição de controlo foi de 1.18 ($DP=.22$).

Quanto à variável atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.27 ($DP=.43$) e na condição de controlo foi de 1.26 ($DP=.26$). No que concerne à variável atitudes acerca da violência física feminina (VFF), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.22 ($DP=.40$) e na condição de controlo foi de 1.19 ($DP=.23$). Por fim, na variável atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.24 ($DP=.48$) e na condição de controlo foi de 1.25 ($DP=.27$).

Em relação à escala total de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN), a média de respostas na condição de dissonância cognitiva foi de 1.25 ($DP=.33$) e na condição de controlo foi de 1.25 ($DP=.17$).

Atendendo ao facto da escala de resposta das variáveis dependentes estar compreendida entre 1 (“discordo totalmente”) e 5 (“concordo totalmente”), é possível verificar que a média das respostas dos participantes se encontram abaixo de 2 (“discordo”) em todas as variáveis acima mencionadas.

Por outro lado, a variável referente ao mito “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.” apresenta uma média de respostas de 1.31 ($DP=.62$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.10 ($DP=.35$) após a escrita dos mesmos.

Por sua vez, a variável relativa ao mito “Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.” evidencia uma média de respostas de 1.42 ($DP=.74$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.32 ($DP=.62$) após a escrita dos mesmos.

A variável correspondente ao mito “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.” revela uma média de respostas de 2.68 ($DP=1.17$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 2.03 ($DP=1.07$) após a escrita dos mesmos.

No que diz respeito à variável referente ao mito “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”, esta apresenta uma média de respostas de 1.05 ($DP=.22$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.02 ($DP=.13$) após a escrita dos mesmos.

No que concerne à variável relativa ao mito “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gémea”.”, esta evidencia uma média de respostas de 2.13 ($DP=1.05$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.71 ($DP=.93$) após a escrita dos mesmos.

Quanto à variável correspondente ao mito “Os ciúmes são um sinal de amor.”, esta revela uma média de 2.24 ($DP=1.00$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.90 ($DP=.90$) após a escrita dos mesmos.

Por último, a variável referente ao mito “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.” apresenta uma média de 1.63 ($DP=.95$) anteriormente à escrita de argumentos e uma média de 1.32 ($DP=.74$) após a escrita dos mesmos.

Em suma, verificou-se que o valor médio após a escrita de argumentos persuasivos foi mais baixo em todos os mitos do que anteriormente a essa escrita.

3.2 Análises Principais

É importante referir que em nenhuma das seis subescalas da escala de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN), nem na escala total de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN) existem diferenças significativas. Ver Tabela 3.1 (testes t para amostras independentes), sendo que os valores são apresentados abaixo.

Tendo como base a Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência psicológica masculina ($t(115) = -1.046$; $p = .149$). É possível percecionarmos que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM) não se alteraram (Hipótese 1).

Segundo a Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência física masculina ($t(115) = -.108$; $p = .457$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência física masculina (VFM) não se alteraram (Hipótese 1).

A partir da Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência sexual masculina ($t(115) = .913$; $p = .182$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM) não se alteraram (Hipótese 1).

De acordo com a Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência psicológica feminina ($t(115) = .174$; $p = .431$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF) não se alteraram (Hipótese 1).

Tendo em conta a Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência física feminina ($t(115) = .465$; $p = .321$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência física feminina (VFF) não se alteraram (Hipótese 1).

Segundo a Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores das atitudes acerca da violência sexual feminina ($t(115) = -.088$; $p = .465$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores das atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF) não se alteraram (Hipótese 1).

A partir da Tabela 3.1, verifica-se que não existem diferenças significativas entre a condição de dissonância cognitiva e a condição de controlo relativamente aos valores da escala total de atitudes acerca da violência no namoro ($t(115) = .016$; $p = .494$). É possível perceber que independente de pertencer à condição de dissonância cognitiva ou de controlo os valores da escala total de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN) não se alteraram (Hipótese 1).

Resumindo, a Hipótese 1 não é verificada, visto que para cada uma das dimensões das atitudes em relação à violência no namoro, bem como para a escala total, as atitudes em relação à violência no namoro não sofreram alterações quando comparamos a condição de dissonância cognitiva com a condição de controlo.

Tabela 3.1 – *Testes t para amostras independentes*

	<i>Condição de Dissonância Cognitiva</i>		<i>Condição de Controle</i>		<i>t</i>	<i>sig (p)</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<i>Violência Psicológica Masculina</i>	1.32	.35	1.38	.26	-1.046	.149
<i>Violência Física Masculina</i>	1.18	.37	1.19	.27	-.108	.457
<i>Violência Sexual Masculina</i>	1.23	.37	1.18	.22	.913	.182
<i>Violência Psicológica Feminina</i>	1.27	.43	1.26	.26	.174	.431
<i>Violência Física Feminina</i>	1.22	.40	1.19	.23	.465	.321
<i>Violência Sexual Feminina</i>	1.24	.48	1.25	.27	-.088	.465
<i>Escala Total de Atitudes acerca da Violência no Namoro</i>	1.25	.33	1.25	.17	.016	.494

Por sua vez, para comparar o grau de concordância com cada um dos mitos antes e depois da indução da dissonância cognitiva, foram efetuados testes *t* para amostras emparelhadas.

É importante referir que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, em cinco dos sete mitos sobre a violência no namoro, visto que os participantes concordaram menos com esses cinco mitos após a escrita de argumentos contra os mesmos do que anteriormente a essa escrita. Ver Tabela 3.2 (testes *t* para amostras emparelhadas), sendo que os valores são apresentados abaixo.

Dito isto, de acordo com a Tabela 3.2, verifica-se que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”, visto que os participantes concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 2.617; p = .006$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

Tendo em conta a Tabela 3.2, verifica-se que não existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”, visto que os participantes não concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 1.230; p = .112$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, não sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

Segundo a Tabela 3.2, verifica-se que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.”, visto que os participantes concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 5.201; p = <.001$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

A partir da Tabela 3.2, verifica-se que não existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”, visto que os participantes não concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 1.426; p = .079$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva,

não sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

De acordo com a Tabela 3.2, verifica-se que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gêmea”.”, visto que os participantes concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 2.900$; $p = .003$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

Tendo em conta a Tabela 3.2, verifica-se que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “Os ciúmes são um sinal de amor.”, visto que os participantes concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 3.689$; $p = <.001$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

Segundo a Tabela 3.2, verifica-se que existem diferenças significativas, na condição de dissonância cognitiva, no mito “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.”, visto que os participantes concordaram menos com este mito após a escrita de argumentos contra o mesmo do que antes dessa escrita ($t(61) = 3.489$; $p = <.001$). É possível perceber que este mito sobre a violência no namoro, na condição de dissonância cognitiva, sofreu alterações após a escrita de argumentos contra o mesmo do que anteriormente a essa escrita (Hipótese 2).

Concluindo, a Hipótese 2 é verificada, na condição de dissonância cognitiva, nos seguintes mitos sobre a violência no namoro: “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”; “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.”; “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gêmea”.”; “Os ciúmes são um sinal de amor.”; “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.”, visto que os participantes concordaram menos com estes mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra os mesmos do que antes dessa escrita.

No entanto, a Hipótese 2 não é verificada, na condição de dissonância cognitiva, nos seguintes mitos sobre a violência no namoro: “Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”; “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”, dado que os participantes não concordaram menos com estes mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra os mesmos do que antes dessa escrita, ou seja, os valores não sofreram alterações.

Tabela 3.2 – Testes *t* para amostras emparelhadas na condição de dissonância cognitiva

	<i>Antes da escrita de argumentos</i>		<i>Depois da escrita de argumentos</i>		<i>t</i>	<i>sig (p)</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
“Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”	1.31	.62	1.10	.35	2.617	.006
“Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”	1.42	.74	1.32	.62	1.230	.112
“Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.”	2.68	1.17	2.03	1.07	5.201	<.001
“Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”	1.05	.22	1.02	.13	1.426	.079
“Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gêmea”.	2.13	1.05	1.71	.93	2.900	.003
“Os ciúmes são um sinal de amor.”	2.24	1.00	1.90	.90	3.689	<.001
“A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.”	1.63	.95	1.32	.74	3.489	<.001

Capítulo 4 – Discussão e Considerações Finais

O presente estudo pretende investigar se é possível reduzir atitudes positivas face à violência no namoro, assim como alterar o grau de concordância dos participantes perante mitos sobre a violência no namoro através da utilização de um paradigma de dissonância cognitiva, replicando um estudo recente de Steinmetz et al. (2019).

Neste sentido era esperado que se verificasse uma redução das atitudes positivas face à violência no namoro, bem como uma redução do grau de concordância com os mitos apresentados aos participantes que se encontravam na condição de dissonância cognitiva.

Tendo como base o Capítulo 3, foi possível verificar que a Hipótese 1 não foi corroborada, devido ao facto de em cada uma das dimensões das atitudes em relação à violência no namoro, assim como na escala total de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN), as atitudes em relação à violência no namoro não sofreram alterações na condição de dissonância cognitiva em comparação com a condição de controlo.

Por sua vez, na condição de dissonância cognitiva, a Hipótese 2 foi corroborada em relação a cinco dos sete mitos sobre a violência no namoro, visto que os participantes concordaram menos com os mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra esses mitos do que antes dessa escrita, ou seja, os valores sofreram alterações significativas. Em dois desses mitos, os participantes não alteraram a sua concordância com os mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra esses mitos do que antes dessa escrita.

Relativamente à escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), as respostas dos participantes foram obtidas através de uma escala tipo Likert sendo que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”. É possível verificar que a média das respostas dos participantes se situam abaixo de 2 (“discordo”), em todas as variáveis dependentes, como mencionado anteriormente. Tal acontecimento, que poderá justificar o facto da Hipótese 1 não ser corroborada, deve-se às médias serem tão baixas que os participantes já tinham previamente uma atitude pouco positiva face à violência no namoro (*floor effect*; Wang et al., 2008), o que faz com que as médias não possam descer mais. Como alguns itens da escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), foram invertidos quanto maior fosse o grau de concordância com cada uma das atitudes (5 “concordo totalmente”), mais positivas eram as atitudes dos participantes face à violência no namoro, o que não se verificou. Do ponto de vista psicométrico, quando uma grande percentagem de participantes apresentam valores próximos do limite inferior da escala, estas distribuições

podem ser consideradas como resultado do “efeito de chão” (*floor effect*), visto que os itens são respondidos tendo por base uma escala de resposta do tipo Likert, neste caso, que varia de 1 (“discordo totalmente”) a 5 (“concordo totalmente”; Wang et al., 2008). Resumindo, o “*floor effect*” é observado, frequentemente, tanto nas ciências sociais como comportamentais, assim como em diversas áreas da Psicologia e em investigações em Educação (Liu & Wang, 2020).

Para além do “efeito de chão”, outro motivo que pode justificar que a Hipótese 1 não tenha sido corroborada, deve-se ao facto da escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) ter sido desenvolvida e aplicada junto de adolescentes (Saavedra, 2010). Ou seja, a escala original foi validada junto de alunos do 7º, 9º e 11º anos de escolaridade, tendo como objetivo integrar jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos (Saavedra, 2010). Numa primeira fase a escala foi testada, em Portugal, com alunos do 7º ao 12º ano, contudo a última validação somente incluiu alunos do 9º ano. Nesta escala de atitudes (EAVN) não é um requisito obrigatório que os participantes tenham experienciado um relacionamento amoroso (Saavedra, 2010), como o é na presente investigação. Estas razões podem estar relacionadas com o “*floor effect*”, uma vez que o presente estudo contou com a participação de estudantes do ensino superior com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos.

No que diz respeito à redução dos mitos em relação ao namoro (Hipótese 2), como referido no enquadramento teórico, os mitos referentes ao “amor romântico” podem ser vistos como sendo uma prova de amor ou como “aceitáveis” em algumas circunstâncias, visto que durante a fase da adolescência pode ser favorável a aceitação de mitos sobre o que é um relacionamento amoroso (Matos et al., 2006). Segundo Carlson (1999), o facto de existir um relacionamento duradouro aumenta a probabilidade de os atos violentos serem, mais facilmente, desculpabilizados e legitimados. Consequentemente, a “pequena violência” pode ser minimizada e banalizada, ou seja, insultos, bofetadas, ameaças, podendo originar a continuação da prática de comportamentos violentos por parte dos agressores, por esse motivo, as vítimas permanecem na relação.

Neste caso, a Hipótese 2 foi corroborada nos seguintes mitos: “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”; “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.”; “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gémea”.”; “Os ciúmes são um sinal de amor.”; “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.”, o que significa que existem diferenças significativas, ocorrendo dissonância cognitiva.

Estes mitos podem representar o que os jovens ainda confundem como sendo uma prova de amor ou como sendo “aceitável” e não como mitos, ou seja, pode simbolizar o que os jovens consideram que é saudável num relacionamento amoroso (quando não o é). Este poderá ser um motivo pelo qual ocorreu dissonância cognitiva e os participantes concordaram menos com estes cinco mitos sobre a violência no namoro após escreverem argumentos contra os mesmos do que antes dessa escrita.

Por sua vez, os dois seguintes mitos: “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”; “Os ciúmes são um sinal de amor.”, dizem respeito aos ciúmes como uma expressão de amor; o mito “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.” corresponde à onnipotência do amor; o mito “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gémea”.” representa a alma gémea; e, por fim, o mito “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.” está relacionado com a necessidade de ter um/a parceiro/a (Carrascosa et al., 2019). Dito isto, estes dois mitos (“Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”; “Os ciúmes são um sinal de amor.”), podem ser vistos como práticas “normais” e “comuns”, pois os homens tendem a relacionar os ciúmes com um momento para a prática de comportamentos abusivos, já as mulheres têm tendência em confundir ciúmes com amor (Ventura et al., 2013).

Em contrapartida, a Hipótese 2 não foi verificada nos seguintes dois mitos: “Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”; “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”, não existindo alterações nos valores referentes a estes dois mitos, o que significa que não houve diferenças significativas, não ocorrendo dissonância cognitiva.

Estes dois mitos podem representar o que os jovens não consideram como sendo aceitável e saudável num relacionamento amoroso, ou seja, para os participantes as afirmações apresentadas podem não corresponder a mitos, mas sim a uma forma de violência, pois não representam uma prova de amor. Diversos estudos evidenciam que os jovens do sexo masculino e feminino expressam uma baixa concordância no que concerne à utilização de violência nos relacionamentos de namoro (Machado, Matos & Moreira, 2003 citado por Caridade & Machado, 2006), uma vez que estes dois mitos (“Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.”; “Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.”) são referentes à compatibilidade amor-violência (Carrascosa et al., 2019).

Por exemplo, o Programa DARSI (*Developing Healthy and Egalitarian Adolescent Relationships*, isto é, Desenvolver Relações Saudáveis e Igualitárias entre Adolescentes; Carrascosa et al., 2019) tem como objetivo prevenir comportamentos agressivos nos

adolescentes (na violência entre pares, bem como na violência no namoro), favorecendo simultaneamente o desenvolvimento de relações saudáveis e mais igualitárias tanto com os pares como com os primeiros parceiros românticos. Os resultados obtidos através da implementação do programa DARSI foram positivos, visto que os participantes relataram uma redução de comportamentos agressivos (agressão explícita, agressão relacional e cyber agressão) entre os pares, bem como uma redução em relação às atitudes sexistas (hostis e benevolentes) e relativamente aos mitos sobre o amor romântico, após a implementação do programa (Carrascosa et al., 2019).

Em suma, os resultados deste estudo sugerem que o uso de um novo paradigma de dissonância cognitiva, como forma de prevenção primária e seletiva, pode ser eficaz para alterar as crenças relativamente a mitos sobre a violência no namoro, sendo promissor para prevenir comportamentos violentos, visto que a rotulagem precoce de comportamentos agressivos e coercivos que antecedem a violência no namoro, pode ajudar tanto homens como mulheres a identificar e abordar comportamentos de alto risco que levam à violência no namoro (Steinmetz et al., 2019).

4.1 Limitações e Estudos Futuros

Apesar dos resultados obtidos através da realização deste estudo, o mesmo não está isento de limitações que são consideradas aquando a interpretação dos mesmos.

A primeira limitação está presente na Escala de Mitos sobre o Amor Romântico (Rodríguez-Castro et al., 2013 adaptada por Carrascosa et al., 2019), que avalia o grau de concordância dos participantes com os sete itens (mitos) apresentados na condição de dissonância cognitiva. Esta medida não se encontra validada para a população portuguesa, por este motivo a escala foi traduzida através do processo de tradução-retroversão, de inglês para português. Seria importante validar este instrumento para a população portuguesa para a realização de estudos futuros.

De seguida, a limitação que foi identificada diz respeito ao método de recolha de dados utilizado, ou seja, através da aplicação da escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), visto que a mesma corresponde a um instrumento de autorrelato, podendo levar a respostas socialmente desejáveis (desejabilidade social). Existe, por parte dos jovens, uma tentativa em responder aos questionários de acordo com o que é socialmente desejável, neste caso, pode dever-se ao facto da média das respostas dos participantes em todas as dimensões da escala de Atitudes acerca da Violência no namoro (EAVN) ter sido inferior a 2 “discordo”.

Outro motivo que representa mais uma limitação na escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), remete para o facto desta medida apresentar um elevado número de itens (76), o que pode ser problemático devido à fadiga por parte dos participantes. A exacerbar a este problema, para que o questionário fosse preenchido no seu todo foram administrados mais instrumentos em conjunto.

A última limitação diz respeito ao facto do questionário da presente investigação ser muito extenso, o que fez com que muitos participantes não terminassem o seu preenchimento, visto que de 332 respostas somente foi possível contabilizar 117 que se encontravam finalizadas na íntegra. O elevado número de participantes do sexo feminino (90) comparativamente ao sexo masculino (27) também pode ser considerado como mais uma limitação desta investigação.

É importante referir que existe pouca literatura relativamente à utilização de paradigmas de dissonância cognitiva, revelando o carácter inovador do presente estudo.

A investigação futura pode querer considerar a utilização de uma condição de controlo adicional que beneficie da mesma quantidade de exposição a conteúdos sobre violência no namoro, mas num formato diferente do da condição de dissonância cognitiva. Neste caso, a investigação futura também pode querer analisar a eficácia de uma condição de dissonância cognitiva com intervalos de seguimento, tendo como finalidade comprovar a existência de mudanças. Também seria interessante utilizar uma manipulação de dissonância cognitiva, tendo como intuito reduzir atitudes sexistas (hostis e benevolentes) e alterar o grau de concordância dos participantes utilizando outra escala de mitos sobre a violência no namoro.

4.2 Considerações Finais

O presente estudo foi o primeiro a avaliar o potencial da utilização de uma manipulação de dissonância cognitiva, tendo como objetivo reduzir atitudes positivas face à violência no namoro e alterar o grau de concordância dos participantes relativamente a alguns mitos sobre a violência no namoro. O mesmo também é considerado como uma inovação por abordar esta temática.

As respostas dos participantes em cada uma das dimensões das atitudes em relação à violência no namoro, assim como na escala total de atitudes acerca da violência no namoro (EAVN), não sofreram alterações nem na condição de dissonância cognitiva, nem na condição de controlo, ou seja, não se verificou ocorrência de dissonância cognitiva (Hipótese 1).

Por outro lado, os participantes na condição de dissonância cognitiva que escreveram argumentos persuasivos para contradizer os sete mitos apresentados no questionário, concordaram menos com os seguintes cinco mitos sobre a violência no namoro: “Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.”; “Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.”; “Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa “alma gémea”.”; “Os ciúmes são um sinal de amor.”; “A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.”, após escreverem argumentos contra estes mitos do que antes dessa escrita. Através deste breve exercício de 14 minutos, foi possível verificar uma redução da aceitação dos mitos referentes à violência no namoro, o que mostra o efeito da dissonância cognitiva.

Os resultados desta investigação são consistentes com a pesquisa de Leippe e Eisenstadt (1994) e com o estudo de Steinmetz et al. (2019).

Por sua vez, os resultados do presente estudo fazem avançar a literatura sobre a prevenção da violência no namoro, mostrando que a dissonância cognitiva poderá ser um mecanismo a utilizar para essa prevenção. Em suma, a dissonância cognitiva parece ser eficaz para alterar o grau de concordância dos participantes relativamente a alguns mitos sobre a violência no namoro, no entanto, não o é no que diz respeito à redução de atitudes positivas face à violência no namoro.

Referências Bibliográficas

- Ameral, V., Palm Reed, K. M., & Hines, D. A. (2017). An analysis of help-seeking patterns among college students victims of sexual assault, dating violence, and stalking. *Journal of Interpersonal Violence, 35*(23-24), 1-25. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 126*(5), 651–680. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.5.651>
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps?. *Journal Of Interpersonal Violence, 19*(2), 162-184. <https://doi.org/10.1177/0886260503260247>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2012). Violência doméstica. <https://apav.pt/vd/index.php/features2>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2020a). Folha informativa: violência no namoro. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2020b). Folha informativa: prevenção da violência. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FI_Prevencao_2020.pdf
- Bandura, A. (1999). Social cognitive theory: an agentic perspective. *Asian Journal of Social Psychology, 2*(1), 21-41.
- Berry, D. B. (2000). *The domestic violence sourcebook: everything you need to know*. Los Angeles: Lowel House.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery, 20*(1), 183-191. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>
- Brown, B. B. (1999). "You're going out with who?": peer group influences on adolescent romantic relationships. Em W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 291–329). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316182185.013>
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 24*(4), 485-493.

- Carlson, B. E. (1999). Student judgments about dating violence: a factorial vignette analysis. *Research in Higher Education, 40*(2), 201-220.
- Carr, J. L., & VanDeusen, K. M. (2002). The relationship between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(6), 630-646. <https://doi.org/10.1177/0886260502017006003>
- Carrascosa, L., Cava, M. J., Buelga, S., & Jesus, S. N. (2019). Reduction of sexist attitudes, romantic myths, and aggressive behaviors in adolescents: efficacy of the DARSI program. *Psicothema, 31*(2), 121–127. doi: 10.7334/psicothema2018.245
- Castro, R., & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Rev Saúde Pública, 38*(1), 62-70.
- Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence, 18*(6), 325-339.
- Direção-Geral da Saúde [DGS] (2014). *Violência interpessoal: Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Lisboa: DGS.
- Dutton, D. G., Saunders, K., Starzomski, A., & Bartholomew, K. (1994). Intimacy-anger and insecure attachment as precursors of abuse in intimate relationships. *Journal of Applied Social Psychology, 24*(15), 1367-1386. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1994.tb01554.x>
- Eisenstadt, D., & Leippe, M. R. (2005). Dissonance and importance: attitude change effects of personal relevance and race of the beneficiary of a counterattitudinal advocacy. *The Journal of Social Psychology, 145*(4), 447-467. <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.4.447-468>
- Eisenstadt, D., Leippe, M. R., Stambush, M. A., Rauch, S. M., & Rivers, J. A. (2005). Dissonance and prejudice: personal costs, choice, and change in attitudes and racial beliefs following counterattitudinal advocacy that benefits a minority. *Basic and Applied Social Psychology, 27*(2), 127-141. https://doi.org/10.1207/s15324834basp2702_4
- Ferreira, M. J. S. (2011). *A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/18651>
- Ferreira, M., Abreu, A. L., & Neves, S. (2019). Guião para a prevenção da violência no namoro em contexto universitário. *Associação Plano i (APi), 1*-53. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/09/Preven%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%A2ncia-no-namoro-em-contexto-univers.pdf>

- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Festinger, L., & Carlsmith, J. M. (1959). Cognitive consequences of forced compliance. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 58, 203-210.
- Gonçalves, M. A. S. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescente nos Açores* [Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <http://hdl.handle.net/10400.3/2770>
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: a theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32(2), 171-180. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2003.12.007>
- Graça, A. C. B. (2017). *Sou vítima, pareço-te menos atraente? A Crença no Mundo Justo e a desvalorização das vítimas do endogrupo* [Tese de mestrado, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15252>
- Hage, S. M. (2000). The role of counseling psychology in preventing male violence against female intimates. *The Counseling Psychologist*, 28(6), 797-828. <https://doi.org/10.1177/0011000000286003>
- Harned, M. S. (2002). A multivariate analysis of risk markers for dating violence victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(11), 1179-1197. <https://doi.org/10.1177/088626002237401>
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*, 4(3), 467-482. <https://doi.org/10.1177/019251383004003004>
- Howard, D., Qiu, Y., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 33(1), 9-17. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(03\)00061-2](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(03)00061-2)
- Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: a feminist narrative study. *Health Care for Women International*, 28(5), 453-477. <https://doi.org/10.1080/07399330701226438>
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 233-247. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(97\)00049-9](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(97)00049-9)

- James, W. H., West, C., Deters, K. E., & Armijo, E. (2000). Youth dating violence. *Adolescence*, 35(139), 455-465.
- Johnson, K. B., & Das, M. B. (2009). Spousal violence in Bangladesh as reported by men: prevalence and risk factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(6), 977-995. <https://doi.org/10.1177/0886260508319368>
- Klonis, S. C., Plant, E. A., & Devine, P. G. (2005). Internal and external motivation to respond without sexism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(9), 1237-1249. <https://doi.org/10.1177/0146167205275304>
- Lei n.º 94/2021 do Ministério da Justiça (2021). Diário da República n.º 245/2021, Série I de 2021-12-21. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?ficha=101&artigo_id=&nid=109&pagina=2&tabela=leis&nversao=&so_miolo=
- Leippe, M. R., & Eisenstadt, D. (1994). Generalization of dissonance reduction: decreasing prejudice through induced compliance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 395-413. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.3.395>
- Leitão, M. N. C. (2013). Capítulo I: violência nas relações de intimidade. Em M. N. C. Leitão, M. I. D. Fernandes, J. A. S. A. O. Fabião, M. C. G. M. A. Sá, C. M. F. Veríssimo, & M. A. C. R. Dixe (Eds.), *Prevenir a violência no namoro – n(amor)o (im)perfeito – fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 23-37). Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105-127. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(99\)00042-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(99)00042-2)
- Liu, Q., & Wang, L. (2020). *t*-Test and ANOVA for data with ceiling and/or floor effects. *Behavior Research Methods*, 53(1), 264–277. <https://doi.org/10.3758/s13428-020-01407-2>
- Lusa, A. (2017, 7 de março). Vítimas de violência no namoro aumentaram 60% em três anos. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/vitimas-de-violencia-no-namoro-aumentaram-60-em-tres-anos-5710298.html>
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 68-78. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.65.1.68>
- Mahlstedt, D. L., & Welsh, L. A. (2005). Perceived causes of physical assault in heterosexual dating relationships. *Violence Against Women*, 11(4), 447-472. <https://doi.org/10.1177/107780120427329>
- Mahoney, P., Williams, L. M., & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. Em C. M. Renzetti, J. L. Edleson, & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (pp. 143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health*, 21(5), 291-302. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(97\)00143-2](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(97)00143-2)
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. E. (2009). *Violência doméstica: compreender para intervir - guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas*. Lisboa: Comissão para a cidadania e igualdade de género.
- Marcus, R. F., & Swett, B. (2002). Violence and intimacy in close relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(5), 570–586. <https://doi.org/10.1177/0886260502017005006>
- Mars, T. S., & Valdez, A. M. (2007). Adolescent dating violence: understanding what is “at risk?”. *Journal of Emergency Nursing*, 33(5), 492-494. <https://doi.org/10.1016/j.jen.2007.06.009>
- Martinez, L. F., & Ferreira, A. I. (2010). *Análise de dados com SPSS: primeiros passos* (3ª ed.). Escolar Editora.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-95.
- McMahon, S., & Farmer, G. L. (2011). An updated measure for assessing subtle rape myths. *Social Work Research*, 35(2), 71-81. <https://doi.org/10.1093/swr/35.2.71>
- McNally, A. M., Palfai, T. P., & Kahler, C. W. (2005). Motivational interventions for heavy drinking college students: examining the role of discrepancy-related psychological processes. *Psychology of Addictive Behaviors*, 19(1), 79-87. <https://doi.org/10.1037/0893-164X.19.1.79>

- Messman-Moore, T. L., & Brown, A. L. (2006). Risk perception, rape, and sexual revictimization: a prospective study of college women. *Psychology of Women Quarterly*, 30(2), 159-172. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00279.x>
- Mouzos, J., & Makkai, T. (2004). Women's experiences of male violence: findings from the Australian component of the international violence against women survey (IVAWS). *Research and Public Policy Series*, 56, 1-144.
- Murray, C. E., & Kardatzke, K. N. (2007). Dating violence among college students: key issues for colleges counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89.
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A. L., Correia, A., Topa, J., & Silva, E. (2020). Estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário: crenças e práticas – 2017/2020. *Associação Plano i (APi)*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Neves, S., Jamal, S., Peixoto, S., & Borges, J. (2021). Estudo nacional sobre a violência no namoro no ensino superior: crenças e práticas – 2017/2021. *Associação Plano i (APi)*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/02/EstudoNacional_2017_21.pdf
- Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., Rodrigues, C., Duarte, A., & Allen, P. (2022). Estudo nacional sobre a violência no namoro no ensino superior: crenças e práticas – 2020/2021. *Associação Plano i (APi)*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/02/Estudo-Nacional-VN-2020-2021-Divulgacao-14.02.22.pdf>
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coulter, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence?. *American Journal of Health Behavior*, 28(1), 13-23.
- Oliveira, J. A. (2011). *Violência no namoro: adaptação de um programa de prevenção em jovens universitários* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/2728>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. Em B. Silva, & L. Almeida (Eds.), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação. <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/126.pdf>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162- 170.

- Oliveira, M. S. A. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/22140>
- O’Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(4), 546-568. <https://doi.org/10.1177/088626097012004005>
- Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2016). *Violence against women: Intimate partner violence and sexual violence against women*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2021). *Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women*. Geneva: OMS.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184. <https://www.redalyc.org/pdf/362/36240201.pdf>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Payne, D. L., Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: exploration of its structure and its measurement using the illinois rape myth acceptance scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27-68. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1998.2238>
- Pereira, A., & Patrício, T. (2016). *SPSS - guia prático de utilização: análise de dados para ciências sociais e psicologia* (8ª ed.). Edições Sílabo.
- Price, E. L., Byers, E. S., Belliveau, N., Bonner, R., Caron, B., Doiron, D., Greenough, J., Guerette-Breau, A., Hicks, L., Landry, A., Lavoie, B., Layden-Oreto, M., Legere, L., Lemieux, S., Lirette, M. B., Maillet, G., McMullin, C., & Moore, R. (1999). The attitudes towards dating violence scales: development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351-375.
- Renner, L. M., & Whitney, S. D. (2012). Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. *Child Abuse & Neglect*, 36(1), 40–52. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2011.07.007>

- Riggs, S. A., Cusimano, A. M., & Benson, K. M. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment of dating couples. *Journal of Counseling Psychology*, 58(1), 126–138. <https://doi.org/10.1037/a0021319>
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femeninas (12-24 años). *Salud Pública de México*, 48(2), 288-296.
- Rivera-Rivera, L., Allen-Leigh, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female mexican public school students. *Preventive Medicine*, 44(6), 477-484. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2007.02.020>
- Roberts, T. A., & Klein, J. (2003). Intimate partner abuse and high-risk behavior in adolescents. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 157(4), 375-380. doi:10.1001/archpedi.157.4.375
- Roberts, T. A., Klein, J. D., & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse and high-risk behavior among adolescents. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 157(9), 875-881. doi:10.1001/archpedi.157.9.875
- Rodríguez-Castro, Y., Lameiras-Fernández, M., Carrera-Fernández, M. V., & Vallejo-Medina, P. (2013). The reliability and validity of the myths scale toward love: Adolescents' beliefs. *International Journal of Social Psychology*, 28(2), 157-168. <https://doi.org/10.1174/021347413806196708>
- Sá, M. C. G. M. A., Ventura, M. C. A. A., & Veríssimo, C. M. F. (2013). Capítulo II: intervenções de prevenção primária da violência no namoro. Em M. N. C. Leitão, M. I. D. Fernandes, J. A. S. A. O. Fabião, M. C. G. M. A. Sá, C. M. F. Veríssimo, & M. A. C. R. Dixe (Eds.), *Prevenir a violência no namoro – n(amor)o (im)perfeito – fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 43-69). Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN). Em L. S. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. II). Coimbra: Almedina.
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/14248>

- Santos, E. O. (2015). *Intervenção social na violência no namoro: estratégias de prevenção* [Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/6824>
- Sharps, P. W., & Campbell, J. (1999). Health consequences for victims of violence in intimate relationships. Em X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 163-176). Thousand Oaks, California.
- Shorey, R. C., Elmquist, J., Zucosky, H., Febres, J., Brasfield, H., & Stuart, G. L. (2014). Experiential avoidance and male dating violence perpetration: an initial investigation. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 3(2), 117-123. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2014.02.003>
- Steinmetz, S. E., Gray, M. J., & Raymond, E. M. (2019). Reducing rape-related attitudes utilizing a cognitive dissonance paradigm. *Violence Against Women*, 25(14), 1739-1758. <https://doi.org/10.1177/1077801218824999>
- Stone, J., Aronson, E., Crain, A. L., Winslow, M. P., & Fried, C. B. (1994). Inducing hypocrisy as a means of encouraging young adults to use condoms. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20(1), <https://doi.org/10.1177/0146167294201012>
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790–811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Temple, J. R., & Freeman, D. H. (2011). Dating violence and substance use among ethnically diverse adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(4), 701-718. <https://doi.org/10.1177/0886260510365858>
- União de Mulheres Alternativa e Resposta [UMAR]. (2019). Estudo nacional sobre a violência no namoro 2019. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Estudo_Nacional_VN_2019_da_UMAR.pdf
- União de Mulheres Alternativa e Resposta [UMAR]. (2020). Estudo nacional sobre a violência no namoro 2020. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/VN_2020_NACIONAL.pdf
- Ventura, M. C. A. A. (2014). *Violência no namoro: crenças e autoconceito nas relações sociais de género – Modelo de intervenção em enfermagem* [Tese de Doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/78362>

- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(11), 95–103. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12120>
- Vicary, J. R., Klingaman, L. R., & Harkness, W. L. (1995). Risk factors associated with date rape and sexual assault of adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 18(3), 289-306. <https://doi.org/10.1006/jado.1995.1020>
- Walker, L. E. (1979). Battered women: a psychosociological study of domestic violence. *Psychology of Women Quarterly*, 4(1), 136-138. <https://doi.org/10.1177/036168438000400101>
- Wang, L., Zhang, Z., McArdle, J. J., & Salthouse, T. A. (2008). Investigating ceiling effects in longitudinal data analysis. *Multivariate Behavioral Research*, 43(3), 476–496. <https://doi.org/10.1080/00273170802285941>
- Wekerle, C., & Tanaka, M. (2010). Adolescent dating violence research and violence prevention: an opportunity to support health outcomes. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(6), 681-698. <https://doi.org/10.1080/10926771.2010.502097>
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1998). The role of child maltreatment and attachment style in adolescent relationship violence. *Development and Psychopathology*, 10(3), 571-586. <https://doi.org/10.1017/S0954579498001758>
- Wolfe, D. A., & Jaffe, P. (1991). Child abuse and family violence as determinants of child psychopathology. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 23(3), 282–299. <https://doi.org/10.1037/h0079021>
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A.-L. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277–293. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>
- Worcester, N. (2002). Women's use of force. *Violence Against Women*, 8(11), 1390-1415. <https://doi.org/10.1177/107780102762478055>

Anexos

Anexo A – Questionário da Condição de Dissonância Cognitiva



Bem-vindo a este questionário!

O presente estudo enquadra-se no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. O mesmo tem por objetivo a criação de anúncios de serviço público para corrigir percepções erradas relativamente a questões muito relevantes para os estudantes universitários: a violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais e o meio de transporte utilizado para chegar à universidade.

Se és **estudante universitário**, tens **mais de 18 anos** e já **experienciaste um relacionamento amoroso heterossexual**, gostaríamos de contar com a tua participação nesta investigação, que consiste no preenchimento de um questionário com a duração aproximada de 15 a 20 minutos.

Serás aleatoriamente distribuído(a) por um de dois grupos (grupo referente à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais OU grupo referente ao meio de transporte utilizado para chegar à universidade). No entanto, o estudo irá recolher informações sobre as tuas opiniões nestes dois tópicos.

Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação neste estudo.

A tua participação é estritamente **voluntária**: podes escolher livremente participar ou não participar. Se tiveres escolhido participar, podes interromper a tua participação em qualquer momento sem teres de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima e confidencial**.

Os dados obtidos destinam-se apenas a tratamento estatístico de uma forma agregada e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisas de te identificar.

Muito obrigada pela tua participação e pelo tempo dispensado para responderes a este questionário.

Este estudo servirá de base à Dissertação de Mestrado de Marta Sofia Grãos Pires (msggps2@iscte-iul.pt), com supervisão da Professora Doutora Isabel Correia (isabel.correia@iscte-iul.pt), que poderás contactar caso pretendas esclarecer uma dúvida ou partilhar algum comentário.

Aceitas participar:

- Sim
 Não

0% 100%



Dados sociodemográficos

És estudante universitário?

- Sim
- Não



Tens mais de 18 anos?

- Sim
- Não



Já experienciaste um **relacionamento amoroso heterossexual**?

- Sim
- Não



Nas questões que se seguem vais ter de escrever pequenos textos, pois a tua opinião é muito importante para este estudo!



Indica, por favor, o teu **grau de concordância** com cada uma das seguintes frases. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa "alma gémea".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Os ciúmes são um sinal de amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



Com base nas frases que se seguem, peço-te que escrevas **argumentos que possam ser utilizados num anúncio de serviço público**, tendo em conta que o **objetivo é escrever afirmações que contradigam e convençam as pessoas de que cada uma das afirmações abaixo são falsas. Não existem respostas certas nem erradas.**

No mínimo tens de escrever 80 caracteres (com espaço) o que corresponde a aproximadamente 15 palavras, mas podes escrever até 930 caracteres, que corresponde a aproximadamente 150 palavras.

- Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa "alma gémea".

- A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.

- Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.

- Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.

- Os ciúmes são um sinal de amor.

- Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.

- Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.

0%  100%



Indica, por favor, o teu **grau de concordância** com cada uma das seguintes frases. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Os estudantes preferem ir de carro até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. É conveniente para os estudantes irem a pé até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. É perigoso para os estudantes irem de bicicleta até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Ir de transportes públicos faz com que os alunos cheguem atrasados às aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. É perigoso para os estudantes irem de skate até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Ir de carro até à universidade leva a que os alunos cheguem tarde às aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. É perigoso para os estudantes irem de carro até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



De seguida, vais encontrar afirmações sobre situações de violência no namoro. Peço-te que leias atentamente essas frases. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Um rapaz não deve insultar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- | | | | | | |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12. Um rapaz pode dizer mal da namorada. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Não é correto um rapaz bater na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça.
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>


8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.

9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.

10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.

11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.

12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.


0%  100%

← →

CISOIUL
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL
Instituto Universitário de Lisboa

Peço-te que indiques, por favor, o teu **grau de concordância** com cada uma das seguintes frases. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Quando um(a) parceiro(a) controla o outro, ele(a) mostra-lhe o seu amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Se um(a) parceiro(a) ama o outro, ele(a) vai fazê-lo(a) chorar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Se um(a) parceiro(a) demonstrar que ama o outro, ele(a) mudará e fá-lo(a)-á feliz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Um(a) parceiro(a) pode maltratar o outro, como prova do seu amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Todos temos apenas um(a) parceiro(a) ideal, a nossa "alma gémea".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Os ciúmes são um sinal de amor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. A separação do(a) parceiro(a) é um fracasso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%

→

Por último, solicitamos que respondas a algumas perguntas relacionadas contigo. Pedimos-te que **assinales a resposta com a qual mais te identificas.**

1. Sexo:

- Feminino
 Masculino
 Prefiro não dizer
 Outro (Qual?)

2. Idade:

3. Nacionalidade:

- Portuguesa
 Outra (Qual?)

4. Grau universitário que frequentas atualmente:

- Licenciatura
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutoramento

5. Área de formação:

6. Local de residência (cidade)

7. Estás num relacionamento amoroso heterossexual?

- Sim
 Não

0%  100%



8. Há quanto tempo? (escreve a tua **resposta** com um *número* seguida da palavra *meses* ou *anos*)

0%  100%



Muito obrigada por teres participado neste estudo. Conforme adiantado no início da tua participação, o estudo incide sobre a **prevenção de atitudes positivas face à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais**. Caso o teu questionário tenha sido direcionado para a **violência no namoro** a tua participação neste estudo é bastante importante para ajudar a desenvolver novos métodos de prevenção da violência no namoro, tendo como foco aumentar a sensibilização deste tema, reduzindo a sua incidência. Por outro lado, se o teu questionário foi mais direcionado para o **meio de transporte utilizado para chegar à universidade** a tua participação tem como objetivo promover formas alternativas de transporte até à universidade, para além da condução.

Reforçamos os dados de contacto que podes utilizar caso desejes colocar uma dúvida, partilhar algum comentário, ou assinalar a tua intenção de receberes informação sobre os principais resultados e conclusões do estudo: Marta Sofia Grãos Pires e Professora Doutora Isabel Correia (msgps2@iscte-iul.pt; isabel.correia@iscte-iul.pt).

Se tiveres interesse em aceder a mais informação sobre o tema do estudo, podes ainda consultar as seguintes fontes:

- <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/violencia-no-namoro/campanhas/campanha-namorar-sem-violencia/>;
- <https://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e-1>.

Por favor, não te esqueças de clicar na seta (->) para que as tuas respostas fiquem registadas com sucesso.

Mais uma vez, muito obrigada pela tua participação!

0%  100%



Anexo B – Questionário da Condição de Controlo



Bem-vindo a este questionário!

O presente estudo enquadra-se no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. O mesmo tem por objetivo a criação de anúncios de serviço público para corrigir perceções erradas relativamente a questões muito relevantes para os estudantes universitários: a violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais e o meio de transporte utilizado para chegar à universidade.

Se és **estudante universitário**, tens **mais de 18 anos** e já **experienciaste um relacionamento amoroso heterossexual**, gostaríamos de contar com a tua participação nesta investigação, que consiste no preenchimento de um questionário com a duração aproximada de 15 a 20 minutos.

Serás aleatoriamente distribuído(a) por um de dois grupos (grupo referente à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais OU grupo referente ao meio de transporte utilizado para chegar à universidade). No entanto, o estudo irá recolher informações sobre as tuas opiniões nestes dois tópicos.

Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação neste estudo.

A tua participação é estritamente **voluntária**: podes escolher livremente participar ou não participar. Se tiveres escolhido participar, podes interromper a tua participação em qualquer momento sem teres de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima** e **confidencial**.

Os dados obtidos destinam-se apenas a tratamento estatístico de uma forma agregada e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisas de te identificar.

Muito obrigada pela tua participação e pelo tempo dispensado para responderes a este questionário.

Este estudo servirá de base à Dissertação de Mestrado de Marta Sofia Grãos Pires (msggps2@iscte-iul.pt), com supervisão da Professora Doutora Isabel Correia (isabel.correia@iscte-iul.pt), que poderás contactar caso pretendas esclarecer uma dúvida ou partilhar algum comentário.

Aceitas participar:

- Sim
 Não

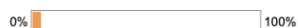
0% 100%



Dados sociodemográficos

És estudante universitário?

- Sim
- Não



Tens mais de 18 anos?

- Sim
- Não

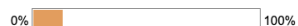


Já experienciaste um **relacionamento amoroso heterossexual**?

- Sim
- Não




Nas questões que se seguem vais ter de escrever pequenos textos, pois a tua opinião é muito importante para este estudo!



Indica, por favor, o teu **grau de concordância** com cada uma das seguintes frases. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Os estudantes preferem ir de carro até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. É conveniente para os estudantes irem a pé até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. É perigoso para os estudantes irem de bicicleta até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Ir de transportes públicos faz com que os alunos cheguem atrasados às aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. É perigoso para os estudantes irem de skate até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Ir de carro até à universidade leva a que os alunos cheguem tarde às aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. É perigoso para os estudantes irem de carro até à universidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



Com base nas frases que se seguem, peço-te que escrevas **argumentos que possam ser utilizados num anúncio de serviço público**, tendo em conta que o **objetivo é escrever afirmações que contradigam e convençam as pessoas de que cada uma das afirmações abaixo são falsas. Não existem respostas certas nem erradas.**

No mínimo tens de escrever 80 caracteres (com espaço) o que corresponde a aproximadamente 15 palavras, mas podes escrever até 930 caracteres, que corresponde a aproximadamente 150 palavras.

- Os estudantes preferem ir de carro até à universidade.

- É conveniente para os estudantes irem a pé até à universidade.

- É perigoso para os estudantes irem de bicicleta até à universidade.

- Ir de transportes públicos faz com que os alunos cheguem atrasados às aulas.

- É perigoso para os estudantes irem de skate até à universidade.

- Ir de carro até à universidade leva a que os alunos cheguem tarde às aulas.

- É perigoso para os estudantes irem de carro até à universidade.

0%  100%



De seguida, vais encontrar afirmações sobre situações de violência no namoro. Peço-te que leias atentamente essas frases. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser. Deverás assinalar o **número** que melhor exprime a tua opinião, sendo que **1** corresponde a **discordo totalmente** e **5** a **concordo totalmente**.

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Um rapaz não deve insultar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%




	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Não é correto um rapaz bater na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>


4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%

← →

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%

CISUIUL
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL
Instituto Universitário de Lisboa

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%

	1 - Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 - Não concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo Totalmente
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

0%  100%



Por último, solicitamos que respondas a algumas perguntas relacionadas contigo. Pedimos-te que **assinales a resposta com a qual mais te identificas.**

1. Sexo:

- Feminino
 Masculino
 Prefiro não dizer
 Outro (Qual?)

2. Idade:

3. Nacionalidade:

- Portuguesa
 Outra (Qual?)

4. Grau universitário que frequentas atualmente:

- Licenciatura
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutoramento

5. Área de formação:

6. Local de residência (cidade)

7. Estás num relacionamento amoroso heterossexual?

- Sim
 Não

0%  100%



8. Há quanto tempo? (escreve a tua **resposta** com um *número* seguida da palavra *meses* ou *anos*)

0%  100%



Muito obrigada por teres participado neste estudo. Conforme adiantado no início da tua participação, o estudo incide sobre a **prevenção de atitudes positivas face à violência no namoro em relacionamentos amorosos heterossexuais**. Caso o teu questionário tenha sido direcionado para a **violência no namoro** a tua participação neste estudo é bastante importante para ajudar a desenvolver novos métodos de prevenção da violência no namoro, tendo como foco aumentar a sensibilização deste tema, reduzindo a sua incidência. Por outro lado, se o teu questionário foi mais direcionado para o **meio de transporte utilizado para chegar à universidade** a tua participação tem como objetivo promover formas alternativas de transporte até à universidade, para além da condução.

Reforçamos os dados de contacto que podes utilizar caso desejes colocar uma dúvida, partilhar algum comentário, ou assinalar a tua intenção de receberes informação sobre os principais resultados e conclusões do estudo: Marta Sofia Grãos Pires e Professora Doutora Isabel Correia (msgps2@iscte-iul.pt; isabel.correia@iscte-iul.pt).

Se tiveres interesse em aceder a mais informação sobre o tema do estudo, podes ainda consultar as seguintes fontes:

- <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/violencia-no-namoro/campanhas/campanha-namorarsemviolencia/>;
- <https://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e-1>.

Por favor, não te esqueças de clicar na seta (->) para que as tuas respostas fiquem registadas com sucesso.

Mais uma vez, muito obrigada pela tua participação!

0%  100%

